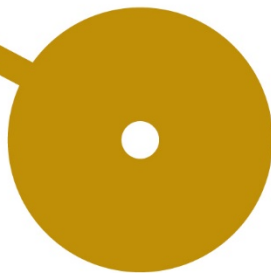
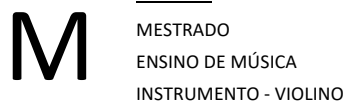


Oficina do Violino e Aula de
Performance: Conceitos de
emancipação individual e de
grupo dentro de uma classe
Guilherme Bispo Jerónimo

06/2024





Oficina do Violino e Aula de Performance: Conceitos de emancipação individual e de grupo dentro de uma classe

GUILHERME BISPO JERÓNIMO

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo e à Escola Superior de Educação como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, especialização Instrumento e classes de conjunto, *Violino*.

Professor Orientador
VITOR MACEDO ANTUNES VIEIRA

Professores Cooperantes
ÂNGELA NEVES
ARIANA DANTAS
SUSANA CORDEIRO

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Helena Gonçalves Bispo. Não há palavras para descrever o quão importante e essencial foi o seu contributo na minha vida pessoal e académica. Obrigado, mãe, por, ao longo dos anos, seres a (e)terna lutadora e presença de bastidores e plateia, por me proporcionares o necessário para que eu tivesse um percurso desafogado, muitas dessas vezes a título de esforço e custo pessoal, mas sempre disposta a sorrir e encontrar soluções e alternativas para as minhas exigências, preocupações e ansiedades. O meu maior objetivo sempre foi que te sentisses orgulhosa em seres minha mãe, dado que sou muito orgulhoso de ser teu filho. Não foi nada fácil, mas conseguimos. Muito obrigado, minha Mãe.

Agradecimentos

Quero agradecer, primeiramente, ao meu pai, Manuel Jerónimo Marques, por ter me acompanhado e ajudado ao longo da minha vida e em todos estes longos anos de formação.

Quero agradecer ao professor Radu Ungureanu, por ter-me aceitado na sua classe de violino e pelos dois anos de partilhas musicais.

Obrigado, professor Vítor Vieira, por ter aceitado acompanhar-me no estágio como professor orientador e supervisor.

Obrigado, professoras Ângela Neves, Ariana Dantas e Susana Cordeiro, por me terem aceitado nas suas aulas e me terem proporcionado momentos e experiências inspiradoras.

Um agradecimento muito especial e terno ao professor, companheiro, e amigo Pedro Ladeira. Impulsionador da minha vida musical e académica, foi sempre um guia e porto de abrigo, sempre disposto a sorrir e a ser um ombro amigo

Muito obrigado a todos.

Resumo

Ao longo do percurso escolar musical, os alunos deparam-se com situações onde se sentem dependentes do professor, desmotivados e sós no ambiente escolar e musical.

Este trabalho aborda a prática de ensino supervisionada, no âmbito do Mestrado em Ensino da Música e propõe um conceito de aulas de grupo – Oficina do Violino e Aulas de Performance. Este conceito de aulas de grupo objetiva a promoção da aprendizagem colaborativa para efeitos de emancipação pessoal, isto é, promoção de pensamento crítico, motivação e autonomia.

Palavras-chave

Mestrado em Ensino da Música, Conservatório de Música do Porto, relatório de estágio, Oficina do Violino, Aula de Performance, Aprendizagem Colaborativa, Motivação, Autonomia.

Abstract

Throughout their musical school career, students are faced with situations where they feel dependent on their teacher, unmotivated and alone in the school and musical environment. This work addresses supervised teaching practice, within the scope of the Master's Degree in Music Teaching and suggests a new concept of group classes – Violin Workshop and Performance Class. This concept of group classes aims to promote collaborative learning for the purposes of personal emancipation, in other words, promoting critical thinking, motivation and autonomy.

Keywords

Master's Degree in Music Teaching, Porto's Conservatory of Music, Internship report, Violin Workshop, Performance Class, Collaborative Learning, Motivation, Autonomy.

Índice

1	GUIÃO DE OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL – CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO.....	1
1.1	HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO.....	1
1.2	CONTEXTO GEOGRÁFICO.....	2
1.3	ALUNOS.....	3
1.4	EQUIPA DOCENTE E NÃO DOCENTE.....	4
1.4.1	<i>Docente</i>	4
1.4.2	<i>Não docente</i>	5
1.5	BIBLIOTECA	5
1.6	PRINCÍPIOS E VALORES.....	5
1.7	PLANO DE AÇÃO EDUCATIVA.....	6
1.8	OFERTA EDUCATIVA, PARCERIAS E PROTOCOLOS.....	11
1.9	REFLEXÃO.....	14
2	PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	15
2.1	RECETIVIDADE NO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO.....	15
2.1.1	<i>Comunidade escolar</i>	15
2.1.2	<i>Aulas de Violino</i>	15
2.1.3	<i>Aulas de Classe de Conjunto</i>	17
2.2	CONTEXTO DOS ALUNOS.....	17
2.2.1	<i>Aluno 8º ano/4º grau</i>	17
2.2.2	<i>Aluna 11º ano/7º grau</i>	18
2.2.3	<i>Alunos de classe de conjunto</i>	18
2.3	CRONOGRAMA.....	19
2.4	AULAS OBSERVADAS.....	20
2.4.1	<i>Aluno 8º ano/4º grau</i>	21
2.4.2	<i>Aluna 11º ano/7º grau</i>	23
2.4.3	<i>Alunos de Classe de Conjunto</i>	26
2.5	AULAS PLANEADAS.....	28
2.5.1	<i>Aluno 8º ano/4º grau</i>	28
2.5.2	<i>Aluna 11º ano/7º grau</i>	34
2.5.3	<i>Alunos de classe de conjunto</i>	40
2.6	RELATÓRIOS - PROFESSOR SUPERVISOR.....	47
2.7	RELATÓRIOS - PROFESSORAS COOPERANTES.....	48
2.8	REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	50
3	OFICINA DO VIOLINO E AULA DE PERFORMANCE.....	51
3.1	INTRODUÇÃO.....	51
3.2	A IMPORTÂNCIA DE AULAS DE GRUPO NO ENSINO.....	51
3.3	OFICINA DO VIOLINO E AULA DE PERFORMANCE.....	68
3.3.1	<i>Compromisso do professor e Responsabilidades dos alunos</i>	69
3.3.2	<i>Objetivos e atividades das sessões</i>	71
3.3.3	<i>Planificação</i>	74
3.3.4	<i>Sessões de grupo no Conservatório de Música do Porto</i>	76

3.3.5	<i>Conclusão</i>	102
4	CONCLUSÃO FINAL	103
5	BIBLIOGRAFIA	104
6	ANEXOS	105
6.1	Aulas observadas	105

Introdução

O relatório que se segue é um requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em ensino da música – Violino. Sendo focado nas questões pedagógicas, diretamente relacionadas com o ensino do instrumento, explica como decorreu o estágio e o projeto de investigação “classe de performance”, conceito possivelmente importante, não só, para o contexto do violino, como também, para outros instrumentos.

Constitui a explicação do contexto da instituição onde decorreu a prática de Ensino Supervisionada – Conservatório de Música do Porto – estando presentes fatores como a história da instituição, os seus valores, princípios e algumas qualidades que fazem desta uma instituição de referência, incluindo, também, uma breve reflexão sobre as condições físicas e humanas da instituição.

Na descrição, em detalhe, do estágio, estará disponível, desde a primeira semana até ao término do ano letivo, o desenrolar das aulas observadas e lecionadas de Violino e Classe de Conjunto.

O projeto de investigação vai focar-se em dois conceitos de aulas de grupo – Oficina do Violino e Aula de Performance. Será feita uma comparação entre a teoria existente e a prática para, não só, verificar concordâncias e discordâncias entre os dois fatores, como também, os prós e contras que este conceito possa vir a ter para os alunos.

1 Guião de Observação da Prática Musical – Conservatório de Música do Porto¹

1.1 História da Instituição

Partindo de meados do século XIX, o Porto sentiu o carecimento de criar uma instituição pública para o ensino da música, semelhante ao Conservatório Nacional de Lisboa. Uma proposta consistente surgiu de Raimundo de Macedo, pianista e diretor de orquestra, no entanto, só em dezembro de 1911 é que desenvolveu iniciativas que aliciaram o poder local para a criação do conservatório.

Dia 1 de junho de 1917, o Senado da Câmara Municipal do Porto aprovou a criação do Conservatório de Música do Porto, onde, no ano letivo consequente, teve a aderência de 339 alunos matriculados em cursos de instrumentos de cordas, canto, instrumentos de sopro e composição.

“O corpo docente fundador era constituído por Raimundo de Macedo, Joaquim de Freitas Gonçalves, Luís Costa, José Cassagne, Pedro Blanco, Óscar da Silva, Ernesto Maia, Moreira de Sá, Carlos Dubbini, José Gouveia, Benjamim Gouveia e Angel Fuentes. Por indicação do Conselho Escolar e decisão da Câmara Municipal, a primeira direção foi constituída por Moreira de Sá como diretor e Ernesto Maia como subdiretor.”
(CMP, 2020, p.2)

Até abril de 1974, o Conservatório teve vários diretores, entre eles Moreira de Sá, Ernesto Maia, Hernâni Torres, Luís Costa, José Gouveia, Joaquim Freitas Gonçalves, Maria Adelaide Freitas Gonçalves, Cláudio Carneyro, Stella da Cunha, Silva Pereira e José Delerue.

Com a necessidade de instalações maiores, o Conservatório foi transferido para um edifício maior na Rua da Maternidade, a 13 de março de 1975. Os conselhos diretivos que sucederam foram liderados por Fernando Jorge Azevedo, Alberto Costa Santos, Anacleto Pereira

¹ (CMP, Projeto Educativo, 2020)

Dias, Maria Fernanda Wandschneider, António Cunha e Silva, Manuela Coelho, Maria Isabel Rocha e António Moreira Jorge.

“Os progressivos constrangimentos de espaço – que não a qualidade e beleza do edifício e dos jardins envolventes, no antigo Palacete da Rua da Maternidade – aliados à necessidade de melhores condições para satisfazer uma procura crescente e para assumir outros modelos de organização e de prática pedagógica, bem como o assumir de outros regimes de frequência, levaram a que se procurassem novas soluções para o crónico problema de instalações.” (CMP, 2020, p3)

Mais tarde, em 2008, o Conservatório volta a mudar-se para outro edifício, situando-se então Na Praça Pedro Nunes. *“A mudança promoveu a reorganização do projeto educativo do Conservatório cujo elemento mais relevante é a oferta do regime de frequência de ensino integrado.”* (CMP, 2020, p.3)

Em 2017, o Conservatório celebrou o seu centenário com uma programação cultural dinâmica e, atualmente, o Conservatório de Música do Porto é uma das escolas de mais prestígio no ensino artístico em Portugal, devido à competência dos seus professores e ao rigor da sua formação.

O Conservatório foi agraciado com a Medalha de Mérito grau ouro da cidade do Porto, consolidando-se como um centro de excelência no ensino da música e contribuindo significativamente para o desenvolvimento cultural e artístico de Portugal.

1.2 Contexto geográfico

Localizado no centro do Porto, o Conservatório de Música é uma instituição com um impacto significativo na cidade e nos concelhos envolventes, destacando-se na vida cultural da região. Como escola pública especializada no ensino da música, exerce um papel fundamental no contexto do ensino artístico nacional, um estatuto mantido ao longo de gerações de professores e alunos.

O elevado reconhecimento do Conservatório atrai muitos candidatos, resultando numa procura que excede a capacidade física e humana da instituição onde a procura anual pelos testes de admissão supera a disponibilidade de salas, equipamentos, professores e pessoal de apoio.

Nos últimos anos, melhorias nas condições materiais e humanas permitiram ao Conservatório desenvolver novas formas de organização e ampliar a oferta formativa. Isso inclui o alargamento do regime de ensino integrado. Apesar desse progresso, ainda há um número significativo de alunos matriculados no regime supletivo que é frequentemente escolhido por alunos que residem fora da cidade, facilitando a gestão de horários e currículos.

Para acomodar esses alunos, o Conservatório adota um horário de funcionamento extenso. As aulas para os alunos do regime integrado começam, de segunda a sexta-feira, das 08:20h e terminam às 22:20h, e aos sábados de manhã, das 08:20h às 13:20h. Esta flexibilidade de horários visa facilitar a frequência em mais escolas por parte dos alunos garantindo que possam conciliar as suas obrigações académicas.

O Conservatório de Música do Porto, com sua vasta influência cultural e excelência no ensino, continua a adaptar-se para atender à crescente demanda, mantendo um horário ampliado para proporcionar a melhor formação musical possível aos seus alunos.

1.3 Alunos

O Conservatório de Música do Porto é composto por mais de 1000 alunos matriculados, tendo-se matriculado 1051 alunos no ano letivo de 2018/2019.

Como escola de Ensino Artístico Especializado da Música, a admissão ao Conservatório é realizada através de provas de admissão e aferição, que classificam os candidatos com base nas suas aptidões e conhecimentos musicais.

“Os números totais de alunos matriculados nos vários regimes de frequência, permitem constatar três dados principais: a consolidação do regime integrado, já perfeitamente assumido e contextualizado; a manutenção do regime supletivo, com um peso significativo na organização da vida escolar; e um menor significado das matrículas em regime articulado.” (CMP, 2020, p.6)

A frequência em qualquer um dos regimes implica um trabalho individual contínuo e prolongado, especialmente nas disciplinas musicais como instrumento ou canto. A forte ênfase na apresentação pública exige uma rotina de concertos, audições, concursos e provas, com muitas apresentações ocorrendo dentro e fora da escola. Isso requer um acompanhamento contínuo dos pelos professores e um envolvimento das famílias.

A aquisição de alguns instrumentos musicais está fora do alcance monetário das famílias dos alunos, portanto o Conservatório possui instrumentos que empresta aos alunos conforme as condições estipuladas no Regulamento Interno. A prioridade para o empréstimo de instrumentos é dada aos alunos que recebem apoio da Ação Social Escolar, até que possam adquirir os seus próprios instrumentos. O Conservatório oferece apoio socioeducativo aos alunos do regime integrado. Para os alunos nos regimes supletivo e articulado, os apoios são prestados pelas outras escolas que frequentam.

Como o ensino no Conservatório é vocacional e não obrigatório, casos de exclusão por faltas ou anulação de matrícula são mais comuns entre alunos do regime supletivo, devido a conflitos de horários entre escolas.

1.4 Equipa docente e não docente

1.4.1 Docente

A situação profissional dos professores do Ensino Artístico Especializado da Música foi historicamente desafiadora dado que não existia um estatuto específico que reconhecesse as suas particularidades. Somente em 8 de maio de 2008 se tornou possível a profissionalização desses docentes e, em maio de 2009, foram estabelecidos os quadros para as escolas do EAEM através da Portaria n.º 551/2009, posteriormente alterada pela Portaria n.º 1266/2009, de 16 de outubro.

Mais recentemente, em 2018, foi implementado um regime jurídico próprio para o ensino artístico especializado. Tendo sido estabelecido um regime específico para a seleção e recrutamento de docentes nas áreas de música e dança.

A distribuição do serviço docente leva em consideração a especialização e o perfil mais adequado de cada professor para os níveis de ensino. A organização das atividades escolares tem conseguido equilibrar a distribuição do serviço com as atividades artísticas externas desenvolvidas pelos professores, valorizando as suas carreiras artísticas públicas e, assim, qualificando-os melhor para suas funções pedagógicas.

No ano letivo de 2018/2019, o Conservatório de Música do Porto contou com 180 professores, “39 contratados, 129 de Quadro de Escola, 1 do Quadro de Zona Pedagógica.” (CMP, 2020, p.8)

1.4.2 Não docente

O Conservatório de Música do Porto tem enfrentado desafios relacionados com o seu pessoal não docente, devido ao seu número reduzido e à falta de preparação/formação específica para algumas funções essenciais ao funcionamento de uma escola artística. No ano letivo de 2018/2019, a equipa não docente era composta por “22 Assistentes Operacionais sendo, 9 do quadro da escola e outros 13 contratados, 7 Assistentes Técnicos, todos do quadro, 1 Técnico Superior e 1 Chefe de Serviços de Administração Escolar.” (CMP, 2020, p.9)

1.5 Biblioteca

A Biblioteca do Conservatório opera de acordo com as diretrizes da Rede de Bibliotecas Escolares. O seu acervo é maioritariamente composto por música impressa e documentos de valor significativo artístico e histórico. A biblioteca disponibiliza recursos, desenvolve atividades e oferece serviços que incentivam e apoiam a aprendizagem.

1.6 Princípios e valores

O Ensino Artístico Especializado da Música é orientado por princípios e valores que guiam sua ação global. Entre eles estão:

- “Promove a aquisição de competências nos domínios da execução e criação musical;
- Desenvolve a capacidade de cooperação e de trabalho em grupo, nomeadamente pela prática regular de música de conjunto;

- Educa para a participação na construção da sociedade, sublinhando o valor da sensibilidade artística nas relações interpessoais;
- Apela à inovação, ao sentido de pesquisa e investigação, estimulando uma atitude de procura e desenvolvendo da criatividade;
- Contribui para uma formação mais global, desenvolvendo a capacidade crítica, a sensibilidade e o sentido estético;
- Sensibiliza para o respeito e defesa do património cultural e artístico;
- Incentiva à superação das limitações e à busca da perfeição, que se atingem pela perseverança, pela disciplina e pelo rigor;
- Desenvolve o sentido da responsabilidade e a capacidade de autodeterminação;
- Educa para a autonomia e para a ação, gerando autoconfiança e favorecendo a iniciativa individual.” (CMP, 2020, pp. 11,12).

1.7 Plano de ação educativa

O Conservatório de Música do Porto tem como pontos prioritários do seu plano de ação os seguintes objetivos:

Promoção do sucesso escolar:

- “Continuidade dos três regimes de frequência – integrado, articulado e supletivo – entendidos como respostas diversificadas aos diferentes tipos de alunos que procuram esta escola e às suas condições de frequência;

- Organização de cursos, masterclasses e workshops, através de convites a professores ou intérpretes de prestígio, que completem a formação ministrada e alarguem as perspetivas dos alunos;
- Apoio de atividades de complemento curricular, tais como palestras, conferências, exposições, visitas de estudo;
- Promoção e desenvolvimento da articulação interdisciplinar e interdepartamental, desenhando iniciativas e atividades que reforcem o relacionamento e a complementaridade das diferentes disciplinas;
- Promoção, junto dos professores das disciplinas da componente geral, de iniciativas e atividades que promovam uma maior sintonia com a prática artística, reforçando a sua maior identificação com a escola;
- Lançamento de iniciativas e atividades de promoção e produção próprias, tendentes a estimular e divulgar as qualidades formativas da escola;
- Apoio ativo à formação do pessoal docente, através do desenvolvimento de ações de formação e outras atividades consideradas oportunas;
- Desenvolvimento, junto dos alunos, do sentido de responsabilidade, de autonomia e de capacidade de gestão do seu estudo e do seu tempo;
- Desenvolvimento de mecanismos que garantam o acolhimento de alunos mais distanciados da escola ou de vocação tardia, procurando respostas formativas mais adequadas às suas condições de frequência (seja na elaboração de horários e turmas, seja pela promoção de cursos livres);
- Apoio à criação de núcleos de atividades que correspondam a necessidades de formação dos alunos ou constituam complementos da sua aprendizagem;
- Valorização das audições, concertos e outras apresentações públicas, pela importância de que se revestem na formação dos alunos;

- Incremento da participação dos alunos em concursos de música, promovendo a motivação, a responsabilização e a excelência musical dos alunos;
- Realização do Concurso Interno, como estímulo à participação qualificada dos melhores alunos da escola, premiando o mérito e a excelência;
- Aperfeiçoamento e normalização dos mecanismos de avaliação, como condição para a melhoria da qualidade do ensino e para um melhor desempenho global da escola em todos os seus setores;
- Criação de condições para a qualificação do pessoal não docente, através da promoção de atividades de formação e dando apoio à sua atividade regular”. (CMP,2020, p.13)

Promoção do desenvolvimento musical e cultural:

- “Defesa do estatuto desta escola e da importância no quadro da oferta formativa pública; afirmação e divulgação do seu rico historial e do seu significado cultural aos níveis local, regional e nacional;
- Continuação do trabalho que vem sendo realizado em conjunto com as outras escolas públicas de ensino especializado da música, no sentido de estudar e propor soluções para os problemas ainda existentes; articular iniciativas de interesse mútuo e colaborar em projetos comuns;
- Defesa do estatuto do professor-músico, apoiando e valorizando a atividade artística dos professores, entendida como uma inegável valorização profissional com reflexos visíveis na atividade pedagógica;
- Aposta sustentada numa linha editorial do Conservatório, tendente a editar algumas obras musicais de compositores ligados a esta escola, desde os mais antigos, com espólio à guarda do Conservatório, até aos atuais professores;

- Viabilização interna e externa de uma linha editorial que possa registrar em CD ou em DVD algumas produções próprias ou utilizar esses recursos em produções para o exterior;
- Criação de condições para que os alunos mais qualificados do Conservatório possam apresentar-se em público, seja como solistas, seja integrando grupos de câmara, coros ou orquestras;
- Preocupação com a qualidade das prestações artísticas dos alunos em atividades culturais no exterior, garantindo padrões de exigência e de excelência, na linha da tradição da escola;
- Disponibilização aos alunos e suas famílias da informação acerca de outras escolas e das diversas saídas para prosseguimento de estudos no país e no estrangeiro;
- Apoio dos alunos na sua preparação próxima para as provas de acesso a outras escolas;" (CMP,2020, pp.13-14)

Educar para a Cidadania e Inclusão

- “Motivação de toda a comunidade escolar para uma participação responsável na vida do Conservatório, desde a definição até à concretização das atividades programadas;
- Incentivo e divulgação de “boas práticas”, tanto em termos pedagógicos como administrativos, favorecendo a troca de experiências e a partilha de meios;
- Acolhimento de todos os novos elementos (sejam professores, alunos ou pessoal não docente), garantindo uma boa integração na vida da escola;

- Divulgação junto dos alunos e demais interessados das principais normas de funcionamento do Conservatório, para que a vida escolar se desenvolva nas melhores condições;
- Valorização de um clima de sã convivência entre todos, através de iniciativas e práticas que estimulem a qualidade do relacionamento, o respeito pelos outros e as capacidades de cooperação e solidariedade;
- Criação de condições para que a atividade escolar se processe com normalidade, garantindo um ambiente de serenidade que favoreça a concentração no estudo e no trabalho;" (CMP,2020, p.14)

Envolver a Comunidade Educativa:

- “Desenvolvimento de um sentido de escola, que esteja na base de um melhor conhecimento de todos relativamente à missão principal do Conservatório e às inúmeras vertentes de que se reveste a sua prática diária, seja ao nível da formação artística, seja nos domínios da formação geral;
- Abertura do Conservatório à comunidade, tanto em termos de capacidade de oferta formativa, como de dinamização da vida artística, contribuindo para dar uma resposta qualificada às necessidades da área alargada a que a escola dá resposta;
- Otimização dos recursos existentes, ao nível dos meios materiais e humanos, nomeadamente através de uma gestão equilibrada das capacidades formativas e culturais instaladas; rentabilização de meios, nomeadamente através da possibilidade de prestação de serviços externos;
- Sensibilização da comunidade educativa para a arte como núcleo da formação nesta escola, procurando incluir nas disciplinas da componente geral temáticas e perspetivas de carácter artístico e abordagens que estimulem atitudes criativas;

- Colaboração próxima com instituições e entidades culturais, educativas e recreativas locais, nomeadamente com aquelas que estão representadas institucionalmente em órgãos de gestão do Conservatório;
- Manutenção e reforço de parcerias e protocolos em curso, nomeadamente com as instituições que mais diretamente se relacionam com a atividade da escola;
- Abertura do Conservatório a toda a comunidade educativa, garantindo a participação dos encarregados de educação na vida da escola e regulando a sua presença e circulação no espaço escolar;
- Divulgação da escola através de diversos meios e canais, garantindo informação atualizada e de fácil acesso, nomeadamente no que respeita a aspetos da prática pedagógica (testes de admissão, provas, concursos, candidaturas) ou a atividades e iniciativas nos domínios da oferta cultural.” (CMP,2020, pp.14-15)

1.8 Oferta Educativa, Parcerias e Protocolos

A oferta educativa do Conservatório de Música do Porto está em conformidade com a legislação do Ministério da Educação para escolas públicas de ensino artístico especializado da música. Na oferta educativa estão presentes os seguintes cursos e ciclos:

- 1º Ciclo/Iniciação
- Curso Básico de Música
- Curso Básico de Canto Gregoriano
- Curso Secundário de Música- Instrumento, Formação Musical e Composição
- Curso Secundário de Canto
- Curso Livre
- Os instrumentos ministrados são:
- “Acordeão
- Bandolim

- Canto
- Clarinete
- Contrabaixo
- Cravo
- Fagote
- Flauta de bisel
- Flauta
- Guitarra clássica
- Guitarra portuguesa
- Harpa
- Oboé
- Órgão
- Percussão
- Piano
- Saxofone
- Trombone
- Trompa
- Trompete
- Tuba
- Violeta
- Violino
- Violoncelo” (CMP, 2020, p.17)

Destacam-se os seguintes projetos do Plano Anual e Plurianual de Atividades:

- Erasmus +
- Clube Europa
- PES
- Eco escolas
- Clube Ar Livre
- Centro de Apoio à Aprendizagem
- Desporto Escolar
- Rumo à Excelência
- CIIL – Centro de Investigação e Intervenção na Leitura – 1º ciclo
- Fruta escolar – 1º ciclo

- AEC-Atividades Extracurriculares – 1º ciclo
- Porto de Crianças
- Porto de Futuro
- Hortas pedagógicas
- GIP - Gabinete de Informação: Percursos
- Biblioteca Escolar

Lista das instituições e entidades que partilham parcerias com o conservatório, sendo algumas protocolares:

- Águas do Douro e Paiva
- Águas do Porto
- Associação Comercial do Porto
- Associação dos Amigos do Conservatório de Música do Porto
- Associação “Ópera na Academia e na Cidade”
- Associação Porta-Jazz
- Banda de Música da Força Aérea Portuguesa
- Banda Militar do Porto
- Banda Sinfónica Portuguesa
- BPI
- Câmara Municipal do Porto
- Casa da Música
- Casa do Pessoal do Centro Hospitalar do Porto
- Coro da Sé Catedral do Porto
- Coro Polifónico da Lapa
- Ensemble Vocal Pro Musica
- Escola Superior de Educação do Porto
- Escola Superior de Música de Lisboa
- Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo
- Escolas Públicas do EAEM
- Fundação Eng. António de Almeida
- Instituto Piaget
- Irmandade de Nossa Senhora da Lapa

- Junta da União de Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória
- Misericórdia do Porto
- Orquestra do Norte
- Orquestra Filarmónica Portuguesa
- Orquestra XXI
- Paróquia de Cedofeita
- Portuguese Brass
- PSP - Escola Segura
- RTP – Prémio Jovens Músicos
- Universidade Católica
- Universidade de Aveiro
- Universidade de Évora
- Universidade do Minho
- Universidade Lusófona (*CMP, 2020, p.19 e 20*)

1.9 Reflexão

O Conservatório de Música do Porto destaca-se como uma instituição de referência no ensino da música desde a sua inauguração, até aos dias de hoje. A promoção da educação musical e cultural de gerações mostra como a instituição prima pelo compromisso com a qualidade e inovação.

Desde a sua fundação, o Conservatório de Música do Porto passou por várias localizações, cada uma simbolizando uma nova fase de crescimento e desenvolvimentos.

A sua excelência não se delimita pelas suas condições físicas, sendo que é um espelho da qualidade das suas equipas docente e não docente, que são o pilar fundamental que sustenta a reputação da instituição. O corpo docente, composto por professores músicos e pedagogos, aplica uma vasta experiência e conhecimento técnico e artístico. A equipa não docente e o seu suporte são fundamentais, com a sua dedicação e profissionalismo, para o bom funcionamento escolar.

A influência do Conservatório de Música do Porto transmite-se, não só, na sua contribuição na vida cultural da cidade do Porto, como também, na formação de músicos que levam, consigo, o nome da instituição aos vários palcos, nacionais e internacionais.

2 Prática de Ensino Supervisionada

2.1 Recetividade no Conservatório de Música do Porto

2.1.1 Comunidade escolar

A comunidade escolar do conservatório fez-me sentir bem-vindo desde o primeiro dia de estágio. Sendo a primeira vez que iria frequentar a escola, não tinha presente a atmosfera que se me ia apresentar quando entrasse pelas portas do edifício, porém, todos os membros docentes não docentes e alunos receberam-me com votos de bom estágio, trataram-me como colega e, da parte dos funcionários, começaram, desde início, a tratar-me por professor, o que, da minha perspectiva, não era totalmente necessário, no entanto, mostra e transmite um sentimento de integração e amabilidade próprios dos profissionais desta instituição.

2.1.2 Aulas de Violino

Quando me foi dada autorização pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo para contactar escolas e conservatórios e os respetivos professores, a minha primeira e única escolha foi frequentar a prática de ensino supervisionada no Conservatório de Música do Porto. Tendo esse como ponto de partida, contactei a professora Ângela Neves, que, desde logo, se mostrou incansavelmente disponível para me receber. Juntos conversamos e analisamos quais seriam os melhores dias e alunos para receberem um estagiário dado que não são todos os alunos que têm capacidades musicais e emocionais para receber, o que seria então, um estranho a assistir às suas aulas e, mais tarde, a lecionar algumas delas.

Como a professora Ângela Neves não tinha alunos de secundário neste ano, a professora auxiliou-me contactando os seus colegas para saber quem teria alunos do ensino secundário e estaria disponível para receber um pupilo graúdo nas suas aulas. Foi então que passei a assistir às aulas da professora Ariana Dantas que, como a professora Ângela Neves, também mostrou muita recetividade para as minhas necessidades, no que ao estágio diz respeito, sendo o foco da

decisão os alunos que melhor receberiam e que mais beneficiariam de um estagiário nas suas aulas.

Com isto, ficou então acordado e planificado que iria assistir à aula de um aluno do 8º ano/ 4º grau, regime integrado, aluno da classe da professora Ângela Neves cujas aulas ocorrem às quartas-feiras entre as 13:35 às 14:20, na sala -1.10 e às aulas de uma aluna de 11ºano/7ºgrau, regime supletivo, aluna da classe da professora Ariana Dantas que cujas aulas ocorrem às sextas-feiras, das 16:00 às 16:45 na sala -1.11B.

Dado que a professora Ângela me ofereceu poder de decisão para as aulas às quais eu gostaria de assistir eu optei por, a título de interesse pedagógico e curiosidade pessoal, assistir também às aulas de dois alunos cujas aulas são também às quartas-feiras. Ambos os alunos, um menino e uma menina, são de ensino básico e integram o 2º ano de escolaridade. O aluno do primeiro bloco tem aula das 15:15 às 16:00 e a aluna tem o bloco seguinte das 16:00 às 16:45, sendo ambas as aulas na sala -1.10C.

A decisão de assistir também a aulas de alunos de ensino básico foi em prol de ter uma experiência na prática de ensino supervisionada que englobasse um maior leque de casos e aulas que me permitissem abranger e aprender com as mais variadas situações, tipologias de aulas e acontecimentos, focando na evolução no método de ensino adaptado a cada aluno, não só, de idades semelhantes, mas também, de idades dispare. No fundo, é perceber o quão experiente e flexível o trabalho de um professor terá de ser para abranger o maior número de casos e alunos e, paralelamente, oferecer uma experiência encorajadora, apropriada e completa, com foco no melhor para cada aluno como um ser individual e singular.

No decurso das aulas, ambas as professoras sempre se mostraram disponíveis e recetivas a receber e a esclarecer qualquer questão que eu pretendesse expor, dos mais variados temas pedagógicos. Mostraram sempre interesse na minha participação e que eu fosse um membro ativo nas aulas, tirando sempre tempo para me explicar o método utilizado e o porquê de o utilizar em cada momento, pedindo a minha opinião para exercícios, maneiras de explicar, às vezes até para tomar a rédea da aula por breves instantes para também ter a oportunidade de experimentar com o aluno.

No tempo livre, as professoras tinham a amabilidade de falar comigo, quer fosse para tecer algum comentário não só dentro do tema da música, como também em temas como funcionamento institucional, comportamento perante as várias entidades e burocracias. Este comportamento foi importante para criar uma empatia pedagógica e profissional entre professor

cooperante e estagiário, dado que se abria espaço para tertúlias e partilha de experiências, partilha essa que, a meu ver, não sendo o ponto mais fulcral, é um ponto importantíssimo para completar e fortalecer a experiência no que ao estágio diz respeito.

O agendamento das aulas planeadas supervisionadas foi, no seu todo, feito de uma maneira muito profissional e pronta pela parte das professoras cooperantes. Como já era de esperar, pela experiência que já vinha vindo a ter com as professoras, mostraram-se sempre disponíveis, não só no agendamento das datas, agilizando por vezes com os alunos a mudança das mesmas para benefício de ambas as partes, como também conversando comigo e auxiliando-me na planificação das mesmas, com conselhos sobre exercícios, modos operandi para com o aluno e para com o trabalho a ser feito e ainda também abertura para ser dada opinião e feedback dos próprios sobre a aula que haviam assistido.

2.1.3 Aulas de Classe de Conjunto

As aulas de classe de conjunto, sendo um contexto pedagógico e logístico diferente, não tiveram uma abertura para comigo diferente das aulas individuais. Mesmo havendo menos espaço para perguntas ou interrupções, tanto a professora quanto os alunos fizeram-me sentir muito bem-vindo, acarinhado até. Senti que, após ganharem um à-vontade com a minha presença, processo esse bastante breve, os alunos me tratavam como um poço de sabedoria até, tendo, ao longo do processo e das aulas, a confiança de me colocarem questões, integrando em conversas e mostrarem-se motivados por tocar com eles.

Estas aulas decorrem às quartas-feiras, das 17:50 às 20:15, no pequeno auditório, sendo lecionadas e dirigidas pela professora Suasana Cordeiro com o auxílio da professora Suzanna Lindegran.

2.2 Contexto dos alunos

2.2.1 Aluno 8ºano/4ºgrau

O aluno mostra uma certa passividade no que ao violino diz respeito. A cada aula que passa, o aluno, mostra trabalho desempenhado em casa e progresso devido ao mesmo, porém,

como é normal numa generalidade dos casos, o progresso é bastante inconstante e as vezes até insuficiente para o trabalho que é desempenhado na aula que faz com que o processo de aprendizagem se torne mais lento e cansativo. Este aluno tem alguma dificuldade de controlo motor, característico também de uma pessoa em processo de crescimento, dado que revela boa perceção dos exercícios, métodos e conceitos abordados em aula, mas mostra ter alguma dificuldade em passar da informação para a ação.

Ao longo do processo anual o progresso dele oscilava entre notório e medíocre, resultados esses que nos fizemos, tanto à professora, quanto a mim, como estagiário, questionar os métodos e abordagens tomados com ele, em prol de tornar o percurso violinístico do aluno mais progressivo. Apesar disto, o desenvolvimento do aluno é evidente desde o início do ano até agora.

2.2.2 Aluna 11º ano/7º grau

Apesar da aluna estar inscrita no regime supletivo e não querer seguir violino, mostrou sempre muito gosto pelo instrumento e pelas aulas do mesmo, independentemente do trabalho que isso implicava. dado que tinha de conciliar os estudos no curso de secundário com as aulas no conservatório. O trabalho em casa, sendo difícil de realizar por causa do horário preenchido da aluna, foi constante, apesar de, às vezes não ser feito em todo o repertório e por outras vezes em linhas e aspetos mais específicos de cada escala ou peça musical.

Nas aulas, a aluna mostrou ser muito astuta, inteligente e pronta, percebendo bem as coisas que lhe iam sendo ditas e mostradas e alternando também com questões que se punham em aula, sobre o trabalho feito em casa ou durante a própria aula. As aulas, sendo só de 45 minutos, uma vez por semana, foram sempre intensas e sem grandes margens para abrandar o ritmo.

2.2.3 Alunos de classe de conjunto

A classe de conjunto é composta por 14 alunos do 2º ciclo, dos regimes Articulado e Supletivo. A orquestra está dividida entre três violinos, quatro 1^{as} violas, quatro 2^{as} violas, dois violoncelos e um contrabaixo. Como é de esperar de alunos de idades entre os 10 e os 12 anos, as aulas tiveram sempre uma componente de vivacidade infantil enérgica e motivada e

interessada por parte deles, sendo muito educados e cordiais individualmente e em grupo. É evidente que houve ocasiões, mas poucas, onde a professora teve de ter uma atitude mais repreensiva com eles dado que, em certas alturas, os alunos dispersavam um pouco do que era o contexto de aula com conversas não relacionadas entre colegas e brincadeiras pouco próprias de sala de aula. Contudo, é de enfatizar que, na grande maioria dos casos, eles tiveram um saber estar muito maduro nas aulas.

Evidentemente, devido à divisão da orquestra, todas as peças eram arranjos feitos para eles exclusivamente dado que não há repertório escrito para este tipo de formação, arranjos esses feitos por ambas as professoras envolvidas na disciplina.

2.3 Cronograma

Semana	Aluno do nível Básico	Aluna do nível secundário	Classe de Conjunto
1: 5 a 11 de novembro	Primeira aula observada	XXXXXXXX	XXXXXXXX
2: 12 a 18 de novembro	Aula observada	XXXXXXXX	Primeira aula observada
3: 19 a 25 de novembro	Faltei	XXXXXXXX	Faltei
4: 26 de novembro a 2 de dezembro	A professora cooperante faltou	XXXXXXXX	Faltei
5: 3 a 9 de dezembro	Aula observada	XXXXXXXX	Aula observada
6: 10 a 16 de dezembro	Aula observada	XXXXXXXX	Aula observada
7: 17 a 23 de dezembro	Interrupção letiva	Interrupção letiva	Interrupção letiva
8: 24 a 30 de dezembro	Interrupção letiva	Interrupção letiva	Interrupção letiva
9: 31 de dezembro a 6 de janeiro	Faltei	XXXXXXXX	Faltei
10: 7 a 13 de janeiro	Aula observada	XXXXXXXX	Aula observada
11: 14 a 20 de janeiro	Aula observada	XXXXXXXX	Faltei
12: 21 a 27 de janeiro	Aula observada	XXXXXXXX	Aula observada
13: 28 de janeiro a 3 de fevereiro	Aula observada	XXXXXXXX	Aula observada

14: 4 a 10 de fevereiro	Aula observada	XXXXXXX	Aula observada
15: 11 a 17 de fevereiro	Interrupção de Carnaval	Interrupção de Carnaval	Interrupção de Carnaval
16: 18 a 24 de fevereiro	Aula planeada	XXXXXXX	Faltei
17: 25 de fevereiro a 2 de março	Aula observada	A professora faltou	Aula observada
18: 3 a 9 de março	Aula observada	Primeira aula observada	Aula observada
19: 10 a 16 de março	Aula observada	A aluna faltou - Aula reposta no dia 20-03	Aula observada
20: 17 a 23 de março	Aula observada	Aula observada	A professora faltou
21: 24 a 30 de março	Interrupção de Páscoa	Interrupção de Páscoa	Interrupção de Páscoa
22: 31 de março a 6 de abril	Interrupção de Páscoa	Interrupção de Páscoa	Interrupção de Páscoa-
23: 7 a 13 de abril	Aula observada	Aula observada	Aula observada
24: 14 a 20 de abril	Aula observada	Aula observada	Aula observada
25: 21 a 27 de abril	Aula observada	Aula observada	Faltei
26: 28 de abril a 4 de maio	Feriado	Faltei	Feriado
27: 5 a 11 de maio	Faltei	Faltei	Faltei
28: 12 a 18 de maio	Aula observada	Aula observada	Aula observada
29: 19 a 25 de maio	Provas globais	Provas globais	Provas globais
30: 26 de maio a 1 de junho	Aula observada	Aula planeada - 29-05 e 31-05	Aula planeada 29-05 e 31-05
31: 2 a 8 de junho	Aula Observada	XXXXXXX	Aula Observada
32: 9 a 15 de junho	Aula Lecionada	XXXXXXX	Aula Lecionada

2.4 Aulas observadas

Nesta secção estão presentes as reflexões das primeiras e últimas aulas observadas com cada professora cooperante. Nessas observações estará presente o resumo da aula em questão, assim como o desenrolar da mesma e pontos importantes a serem evidenciados.

2.4.1 Aluno 8ºano/4ºgrau

Primeira aula observada

08-11

A aula começou com a minha apresentação, feita pela professora, ao aluno e a razão pelo qual eu iria assistir às suas aulas. A professora realçou que a minha presença teria o intuito de ser mais uma pessoa a ajudar o aluno e não com o objetivo de o avaliar, isto para o aluno se sentir mais à vontade com a minha presença e para que a aula decorresse de um modo o mais natural possível.

Apresentações feitas, passamos à aula propriamente dita.

Escala de Sol maior, em três oitavas

Depois do aluno tocar, a professora perguntou-lhe quais eram os pensamentos que ele tinha da escala que havia tocado.

O aluno realçou, principalmente, que os arpejos podiam ter sido mais bem feitos e mais afinados.

Com isto, o trabalho realizado em prol de colmatar esta problemática foi a explicação dos conceitos de mudanças de posição grandes, exemplificando e, de seguida, passou, então o aluno a experimentar esses mesmos conceitos partilhados.

Estudo nº 5 – Mazas

Como aconteceu na escala, a professora perguntou-lhe quais eram os pensamentos que ele tinha do estudo que tinha acabado de tocar, parte essa delimitada com a parte “difícil”.

O aluno, mais uma vez realçou as mudanças de posição e afinação.

Desta vez, o foco passou a ser no cotovelo do braço esquerdo, movimento cujo possibilita a antecipação das mudanças de posição, experimentando com uma serie de exercícios.

Em termos da afinação, a professora realçou a importância dos dedos da mão esquerda e a sua função de auxílio da afinação quando não estão a ser tocados. Os dedos servem

como guias das distâncias dos intervalos que devem estar presentes na forma da mão: se o intervalo é de meio tom, os dedos têm de estar pousados e mais juntos, ao passo que, se for um intervalo de tom, os dedos devem estar pousados, mas separados. Com isto, a mão esquerda tem sempre uma referência no que toca à afinação.

A extensão do 4º dedo (mindinho) foi também falada no sentido de que necessitava de ser mais estável e o seu movimento contínuo.

Concerto em Lá menor, 1º andamento – Vivaldi

Depois do aluno ter tocado, foi-lhe comentado que a música e as frases não eram muito explícitas e não foi clara a intenção que o aluno queria empregar neste andamento.

Ferramentas, como cantar as frases, foram utilizadas para o aluno perceber qual a intenção musical a ser transmitida e trabalhou-se a dicção do arco e as articulações necessárias para a boa utilização do mesmo.

A professora terminou com uma reflexão sobre o trabalho feito e com a partilha dos objetivos para a próxima aula.

Última aula observada

05-06

A aula começou com as saudações habituais.

A professora pediu-me para tomar as rédeas da aula.

Como a prova global tinha sido há duas semanas, decidi dar mais espaço ao aluno para a escolha do repertório que este preferisse trabalhar e optei também por praticar uma aula menos intensiva.

O aluno escolhe a peça romântica de Dvorák e o 3º andamento do Concerto em Lá menor de Vivaldi.

Começámos por trabalhar a peça de Dvorák onde o aluno tocou desde o início da peça até ao final da secção do desenvolvimento.

Durante a execução do aluno, notei um progresso muito promissor no trabalho de mão esquerda, ou seja, mudanças de posição mais bem feitas e fluidas e um vibrato mais

controlado e relaxado. No entanto houve alguns aspetos menos positivos no uso do da técnica de arco e do braço e mão direita.

Passámos, então, a focar mais no trabalho de arco, na sua organização e divisão. O aluno voltou a tocar a peça e fui fazendo paragens quando achei que fossem pertinentes.

O maior foco do trabalho foi empregue na conexão dos arcos para cima e para baixo, onde foram, novamente, falados e explicados os conceitos de supinação e pronação, isto é, o movimento giratório do pulso com o efeito de aliviar ou colocar peso no arco e, conseqüentemente, na corda. Realcei também o funcionamento dos dedos da mão direita que, estando presos não possibilitam a conexão entre diferentes arcos.

Como o trabalho anteriormente feito tomou muito tempo da aula, pedi ao aluno para tocar o andamento do concerto de Vivaldi para eu ficar com uma ideia de que era necessário, a meu ver ser trabalhado e partilhei essa reflexão com o aluno.

Numa nota mais pessoal, ao longo da aula, a professora interrompeu várias vezes o seguimento da mesma onde, embora essas interrupções tenham sido importantes e pertinentes, senti que quebrava a fluidez do meu pensamento e da aula e que era mais custoso voltar a tomar partido e pôr a engrenagem a funcionar novamente.

2.4.2 Aluna 11ºano/7ºgrau

Primeira aula observada 08-03
<p>A aula começou com uma apresentação minha, explicando o contexto e a razão pela qual eu iria assistir às aulas da aluna.</p> <p style="text-align: center;"><u>Concerto para violino em Mi menor, Pietro Nardini</u></p> <p>A aluna já tinha feito uma leitura com a professora na aula passada.</p> <p>Começaram por ser trabalhados os ritmos e articulações. Para tal, a professora pediu à aluna para que não tocasse os trilos e ornamentações para limpar as passagens, ou seja, afinar, ver arcadas e articulações e retificá-las.</p>

A professora referiu que grandes saltos de corda devem ser preparados com o cotovelo e exemplificou, tocando, os exercícios e o processo que a aluna deveria adotar, ao estudar em casa.

A professora vai dizendo palavras-chave para cativar, na aluna, a atenção e foco em partes específicas, como dedos, arco, expressivo, etc.

No reconhecimento do tempo e da métrica, a professora aconselha a imaginar um metrônomo e sentir a pulsação interiormente.

É mostrado, à aluna, partes diferentes do concerto, para que ela perceba as diferentes maneiras que tem de tocar para cada caráter musical.

Foi evidenciado a importância do cotovelo nas mudanças de posição, principalmente na preparação das mesmas, onde o próprio pensamento tem de estar também preparado antes das mudanças acontecerem.

A aula terminou com a amostra de exercícios a serem feitos, pela aluna, no estudo individual em casa.

Curiosidade – a professora toca no violino dos alunos para que estes percebam o potencial dos seus instrumentos. A meu ver, isto quererá dizer que, regra geral, os alunos não têm uma boa percepção da quantidade de som possível num violino ou da diferença entre o som que rodeia um violinista e o som que é projetado.

Última aula observada

18-05

A aula começou com as saudações habituais.

O objetivo da aula foi ser corrida para que houvesse tempo para ver a maior quantidade de repertório possível, dado que é a aula que antecede a prova global.

Assim, seguem as diretrizes dadas à aluna.

Escala de Mi bemol Maior:

- Mais cotovelo nas mudanças de posição, necessário para a preparação e movimentação da mão ao longo do violino.

- Afinação do quarto dedo, mindinho, ou seja, dedo mindinho mais junto do anelar dos intervalos de meio tom.

Arpejo:

- Arco mais fluido, para não haver quebras no som e entre as mudanças de corda.

Escala de terceiras, cordas dobradas:

-Seguir mais a escala do violino, não saltar com os dedos.

-Mudanças de posição mais calmas e fluidas.

Estudo de Mazas:

Morder mais a corda, para melhorar a qualidade e quantidade de som.

Allemande de Bach:

-Respirar mais entre as frases.

-Não tocar apressadamente

-Menos pressão no arco ao tocar acordes.

Sonata de Mozart:

-Mais som no geral

-Articulação mais clara

-Preparar o arco e a mão esquerda antes de tocar.

-Afinar mais com o piano.

Concerto de Nardini:

-Cantar mais as melodias.

-Mais som

-Mais arco

2.4.3 Alunos de Classe de Conjunto

Primeira aula observada 15-11
<p>A aula começou com a minha apresentação feita aos alunos explicando o meu contexto e o porquê de eu estar a assistir às suas aulas</p> <p>Apresentações feitas, passamos a afinar os instrumentos.</p> <p>A primeira peça a ser trabalhada chama-se “Christingling”, música tradicional inglesa.</p> <p>Foi tocada de início ao fim, onde a professora comentou que a afinação precisava de ser mais precisa apelando a que os alunos se ouvissem uns aos outros. Esse trabalho foi feito ao dividir as vozes e os naipes, para retificar a afinação e algumas articulações.</p> <p>Depois foi trabalhado o conceito de entrada de uma peça onde foi prestado um trabalho onde os alunos treinaram o começo da peça com a entrada do aluno concertino. Essa entrada foi repetida algumas vezes, seguido do tocar a peça de início ao fim de novo.</p> <p>Depois do intervalo foi trabalhada a peça “Azadi”, peça tradicional iraniana.</p> <p>Como a peça é relativamente recente, foi lida de início ao fim, seguida de divisão das vozes e naipes, ensaiando cada naipe individualmente.</p>

Última aula observada 05-06
<p>A aula começou com as saudações habituais, prosseguindo à afinação dos instrumentos.</p> <p>Foi tocada a escala de Dó maior em duas oitavas, coisa que não é habitual, sobre um tempo de metrónomo lento, fazendo uma semínima por arco e uma nota por semínima em compasso quaternário.</p> <p>Depois de tocarmos a escala em duas oitavas, passamos a variar os exercícios, sendo cada variação sugerida pelos alunos, isto é:</p>

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, cujo ritmo era composto por uma semínima e seis colcheias, uma nota por arco, notas separadas. Semínima longa e colcheia curta, em termos de divisão do arco.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, agora oito colcheias, sendo duas colcheias por nota. Primeiro em detáche, com o arco todo, e depois em stacatto, no talão.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em colcheias e pausa de colcheia, onde cada colcheia é longa e tocada para baixo e a pausa serve para retomar o arco.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em semínimas, todas elas para baixo.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em semínimas fazendo um decrescendo para a ponta e um crescendo para o talão.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, agora oito colcheias, sendo duas colcheias por nota, mas em canon, a começar nos violinos.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em tercinas, sendo uma tercina por nota, mas em canon, a começar nos violinos.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, onde cada naipe toca uma célula desde mínimas até semicolcheias.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em colcheia e duas semicolcheias com atenção à divisão do arco do concertino, em canon.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em sincopas, no meio do arco.

- Escala numa oitava, ascendente e descendente, em colcheias, mas em pizzicato, desta vez.

- Sugestão minha: Escala numa oitava, ascendente e descendente, em acordes onde cada naipe sobe à vez da seguinte maneira:

Escala ascendente – a ordem de subida da nota é consoante o grau do acorde, ou seja, primeiro nota do 5º grau do acorde, seguido da subida da nota do 3º grau do acorde, seguido da nota fundamental, até chegar à nota inicial agora numa oitava acima

Exemplo: Dó – Mi – Sol, Dó – Mi – Lá, Dó – Fá – Lá, Ré – Fá – Lá, etc.

Escala descendente – a ordem de descida da nota é contrária à ordem ascendente, ou seja, primeiro nota fundamental, seguido da descida da nota do 3º grau do acorde, seguido da nota do 5º grau do acorde, até chegar à nota inicial agora numa oitava abaixo.

Exemplo: Dó – Mi – Sol, Si – Mi – Sol, Si – Ré – Sol, Si – Ré – Fá, etc.

Pela reação dos alunos, este exercício foi muito bem recebido.

Para terminar, foi tocada a peça “Danny boy”, música tradicional inglesa, foi retificada a articulação que os violinos estavam a fazer na secção do meio, seguida de tocar a peça completa de novo.

2.5 Aulas planeadas

Nesta secção estão presentes as planificações das aulas planeadas e supervisionadas. Nessas planificações, estará presente o plano da aula, assim como um resumo do desenrolar da mesma e pontos importantes a serem evidenciados.

2.5.1 Aluno 8ºano/4ºgrau

Aula Planeada 1
21-02-2024
ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Conservatório de Música do Porto
Ano/Grau: 8º/4º
Duração da aula: 45 Minutos

<p>Regime de Frequência: Articulado</p> <p>Número de alunos: 1</p> <p>Sala: -1.10C</p> <p>Estagiário: Guilherme Bispo Jerónimo</p>
<p>OBJETIVOS:</p> <p>Objetivos gerais:</p> <p>Trabalhar divisão do arco e introduzir novo estudo</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>Aprender a trabalhar divisão de arco</p> <p>Aprender diferentes divisões para diferentes ocasiões</p> <p>Saber diferenciar e aplicar</p>
<p>CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escala de Sib Maior • Estudo nº 8 de Mazas
<p>DESENVOLVIMENTO DA AULA</p> <p>Introdução da aula (5min)</p> <p>Conversar com o aluno sobre o objetivo da aula</p> <p>Escala (15 min)</p> <p>Trabalhar a escala</p> <p>Afinação</p> <p>Som</p> <p>Arco</p> <p>Estudo (20 min)</p> <p>Exercícios de divisão de arco</p> <p>Diferenciar crescendos e diminuendos</p> <p>Funções dos dedos da mão do arco</p> <p>Aplicações no estudo</p> <p>Conclusão (5min)</p> <p>Recapitulação do trabalho feito em aula.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Livro de estudos de Mazas • Violino • Arco

- 1 mesa
- Uma cadeira
- Um espelho

AVALIAÇÃO

- Postura: postura correta ao segurar o violino e o arco.
- Técnica de arco: Verificar a técnica do arco, o uso do peso do braço, a pressão e distribuição do arco.
- Mão esquerda: colocação dos dedos na escala, a precisão das notas e a agilidade dos dedos.
- Afinação: Verificar se o aluno é capaz de afinar seu violino corretamente e a precisão da afinação das notas tocadas durante a execução das escalas, peças e exercícios.
- Interpretação de Símbolos Musicais: Verificar a compreensão de dinâmica, articulação, e outros símbolos musicais presentes na partitura.
- Fraseamento: Verificar como o aluno constrói frases musicais e se consegue transmitir a emoção da música.
- Progresso: Avaliar se o aluno está a atingir as metas estabelecidas nas aulas anteriores.
- Feedback e Correções: Observar como o aluno responde às correções e feedback do professor.
- Participação: Avaliar se o aluno participa ativamente da aula.
- Preparação para a Aula: Verificar se o aluno chegou preparado para a aula, tendo estudado os exercícios e peças designados.
- Eficácia do estudo: Avaliar se o aluno demonstra técnicas eficazes de prática, como divisão do tempo, foco em dificuldades e repetição consciente.

REFLEXÃO

A aula teve um resultado positivo, na minha opinião, de acordo com os objetivos planeados para a mesma.

Começando pela escala, acho que foi benéfico para o aluno abordar os conceitos definidos para a aula, primeiramente na escala, deu tempo para processar a nova informação sobre divisão de arco e aplicá-la. Contudo, o facto de estar a introduzir informação e conteúdo novo fez com que o aluno fosse esquecendo ou prestando

menos atenção a aspetos trabalhados até então. Este pormenor fez com que o tempo passado a trabalhar a escala fosse maior do que o esperado para a aula.

Para o estudo, dado que era uma peça nova, a estratégia que optei foi focar em compassos específicos da peça ao invés de fazer a leitura completa do mesmo, aplicando assim o trabalho feito até então na escala, no estudo e ver como o aluno reagiria a esse método.

Refletindo sobre a aula, acho que foi um trabalho bem feito, o aluno mostrou perceber a informação e com o tempo foi começando a aplicá-la pouco a pouco. A estratégia aplicada no estudo talvez não tenha sido a melhor, dado que, sem leitura prévia, foi confuso para o aluno aplicar informação nova numa peça que não conhece nem domina.

Aula Planeada 2	12-06-2024
ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Conservatório de Música do Porto	
Ano/Grau: 8º/4º	
Duração da aula: 45 Minutos	
Regime de Frequência: Articulado	
Número de alunos: 1	
Sala: -1.10C	
Estagiário: Guilherme Bispo Jerónimo	
OBJETIVOS:	
Objetivos gerais:	
Rever os conceitos de arco e vibrato da peça de Dvorak	
Trabalhar aspetos relevantes no 3º andamento do concerto de Vivaldi	
Objetivos específicos:	
Continuar o trabalho feito, até então, do vibrato relaxado e controlado.	
Constatar o progresso ou regresso do aluno neste tema.	
Trabalhar construção e direção frásica com o arco e rever os conceitos de divisão e organização do arco	
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	
<ul style="list-style-type: none">• 4 peças românticas, A. Dvorak - peça nº 1• Concerto para violino e orquestra em Lá menor, A. Vivaldi – 3º andamento	
DESENVOLVIMENTO DA AULA	

<p>Introdução da aula (5min)</p> <p>3º andamento – Vivaldi (20 min)</p> <p>Trabalhar conceitos da técnica de mão direita e de arco.</p> <p>Contacto e peso na corda – uso correto do braço direito e mão direita</p> <p>Retificação de algum problema na mão esquerda com foco na afinação e mudanças de posição.</p> <p>Peça de Dvorak (20min)</p> <p>Continuação do trabalho de vibrato</p> <p>Dádiva de conselhos de exercícios a fazer e considerações a ter aquando do estudo individual</p> <p>Arco – organização e divisão</p> <p>Trabalhar as diferentes divisões pertinentes a serem optadas consoante a necessidade musical.</p> <p>Exercícios de divisão e organização do arco</p> <p>Conclusão (5min)</p> <p>Recapitulação do trabalho feito em aula.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none">• Partituras da peça de Dvorak• Partitura do concerto de Vivaldi• Violino• Arco• 1 mesa• Uma cadeira• Um espelho
<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none">• Postura: postura correta ao segurar o violino e o arco.• Técnica de arco: Verificar a técnica do arco, o uso do peso do braço, a pressão e distribuição do arco.• Mão esquerda: colocação dos dedos na escala, a precisão das notas e a agilidade dos dedos.• Afinação: Verificar se o aluno é capaz de afinar seu violino corretamente e a precisão da afinação das notas tocadas durante a execução das escalas, peças e exercícios.

- Interpretação de Símbolos Musicais: Verificar a compreensão de dinâmica, articulação, e outros símbolos musicais presentes na partitura.
- Fraseamento: Verificar como o aluno constrói frases musicais e se consegue transmitir a emoção da música.
- Progresso: Avaliar se o aluno está atingindo as metas estabelecidas nas aulas anteriores.
- Feedback e Correções: Observar como o aluno responde às correções e feedback do professor.
- Participação: Avaliar se o aluno está engajado e participa ativamente da aula.
- Preparação para a Aula: Verificar se o aluno chegou preparado para a aula, tendo estado os exercícios e peças designados.
- Eficácia do estudo: Avaliar se o aluno demonstra técnicas eficazes de prática, como divisão do tempo, foco em dificuldades e repetição consciente.

REFLEXÃO

A aula começou com as saudações habituais.

Comecei por introduzir o aluno ao conceito avaliativo desta aula e passámos ao trabalho.

Começamos por trabalhar o 3º andamento do Vivaldi, dado que, na aula passada não houve muito tempo para trabalhar esta peça.

O aluno tocou de início ao fim.

Desde o início, do desempenho do aluno, sentiu-se uma evolução muito positiva no uso do arco e da articulação.

Antes de começar a trabalhar a peça desde início, revemos o conceito de finalizar uma peça barroca, isto é, o retardando característico do período barroco. O aluno estava a tocar um grande retardando, a meu ver, muito antes do suposto.

Feito esse retoque, começamos a tocar o andamento desde o início, parando para trabalhar coisas a ser melhoradas ao longo da peça.

O maior foco das retificações foi a articulação do arco e o uso do braço e mão direitos. Apesar de ter mostrado progressos, a utilização do arco podia ainda ser mais disciplinada e ativa ao tocar este andamento.

Foi referida a importância do indicador da mão direita para colocar peso e trava o arco e a importância do antebraço direito para a velocidade e atividade das arcadas.

Para transmitir a ideia de tocar de uma maneira feroz, fiz a analogia de um predador a caçar uma presa e penso que foi pertinente para a ideia que o aluno passou a ter da maneira como deveria tocar. Referi também e aconselhei a ouvir a violinista Janine Jansen para que o aluno pudesse ver a atitude que esta violinista tem perante a música e o violino.

Houve momentos da peça que necessitaram de ser trabalhados no âmbito da coordenação motora entre os dedos da mão esquerda e as arcadas onde fizemos exercícios para melhorar essa coordenação.

No final não conseguimos trabalhar a peça de Dvorak, no entanto, acho que era mais importante ter mais tempo para trabalhar o Concerto de Vivaldi.

2.5.2 Aluna 11ºano/7ºgrau

Aula Planeada 1	29-05-2024
ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Conservatório de Música do Porto	
Ano/Grau: 11º/7º	
Duração da aula: 45 Minutos	
Regime de Frequência: Supletivo	
Número de alunos: 1	
Sala: -1.10A	
Estagiário: Guilherme Bispo Jerónimo	
OBJETIVOS:	
Objetivos gerais:	
Trabalhar técnica de arco	
Mudanças de posição	
Objetivos específicos:	
Trabalhar o tocar dramático com o arco e todas as nuances que caracterizam essa expressividade:	
Velocidade	
Divisão	
Contacto	
Peso	

<p>Acordes</p> <p>Trabalhar velocidade e destreza da mão esquerda:</p> <p>Foco nas mudanças de posição e vibrato</p>
<p>CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Concerto em Mi menor de Pietro Nardini
<p>DESENVOLVIMENTO DA AULA</p> <p>Introdução da aula (5min)</p> <p>Conversar com o aluno sobre o objetivo da aula</p> <p>Concerto (35min)</p> <p>Expressividade do arco:</p> <p>Velocidade</p> <p>Divisão</p> <p>Contacto</p> <p>Peso</p> <p>Mão esquerda:</p> <p>Mudanças de posição</p> <p>Vibrato</p> <p>Conclusão (5min)</p> <p>Recapitulação do trabalho feito em aula.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partitura do Concerto em Mi menor de Pietro Nardini • Violino • Arco • 1 mesa • Uma cadeira • Um espelho
<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Postura: postura correta ao segurar o violino e o arco. • Técnica de arco: Verificar a técnica do arco, o uso do peso do braço, a pressão e distribuição do arco. • Mão esquerda: colocação dos dedos na escala, a precisão das notas e a agilidade dos dedos.

- Afinação: Verificar se a aluna é capaz de afinar seu violino corretamente e a precisão da afinação das notas tocadas durante a execução das escalas, peças e exercícios.
- Interpretação de Símbolos Musicais: Verificar a compreensão de dinâmica, articulação, e outros símbolos musicais presentes na partitura.
- Fraseamento: Verificar como a aluna constrói frases musicais e se consegue transmitir a emoção da música.
- Progresso: Avaliar se a aluna está a atingir as metas estabelecidas nas aulas anteriores.
- Feedback e Correções: Observar como o aluno responde às correções e feedback do professor.
- Participação: Avaliar se a aluna participa ativamente da aula.
- Preparação para a aula: Verificar se a aluna chegou preparada para a aula, tendo estudado os exercícios e peças designados.
- Eficácia do estudo: Avaliar se a aluna demonstra técnicas eficazes de prática, como divisão do tempo, foco em dificuldades e repetição consciente.

REFLEXÃO

A aula começou com uma introdução do trabalho que iria ser feito e que estava pensado para a aluna, depois da escolha, feita pela aluna, da peça que preferia trabalhar. Eu preferi que a aluna escolhesse a peça, entre duas que estavam pensadas para ela, para que tivesse algum poder de escolha e pensamento crítico do repertório a ser trabalhado e que precisasse de ser mais consolidado.

Após escolha do concerto para violino em Mi menor de Pietro Nardini, começamos a trabalhar conceitos de qualidade de som e bom uso do arco.

Foi introduzida a ideia de Supinação e Pronação, conceitos de movimento de rotação do antebraço, onde a Supinação consiste em aliviar a pressão do antebraço no arco e a Pronação consiste na aplicação de pressão e peso no arco. Estes conceitos foram bem recebidos pela aluna e, após experimentação, depressa teve resultados notórios no tocar dela.

Depois de trabalhados os conceitos anteriormente referidos, trabalhamos mudanças de posição, onde, aquando do tocar da aluna, se notava alguma atividade desnecessária e pouco organizada da mão esquerda. Foi-lhe um exercício de mudanças de posição que consiste em fazer a mudança pela corda e substituindo os dedos dentro da mesma nota,

para alcançar mudanças de posição suaves. Este exercício foi feito algumas vezes, com arco livre, começando num tempo lento e aumentando a velocidade progressivamente à medida que a aluna melhorava os movimentos.

Quando adicionamos o arco certo, a aluna verificou ter alguma dificuldade em conciliar aquilo que lhe foi dito com aquilo que já estava aprendido, um pormenor importante que foi relevante para o trabalho a ser desenvolvido dado que, como é trabalho minucioso, requer algum tempo de adaptação para a aprendizagem.

A última parte a ser trabalhada foi uma frase mais melódica para contrastar com a música trabalhada até então.

Foi importante referir a ideia que uma frase sendo piano não é sinónimo de sem som ou sem consistência e ideia de corpo de som. Nesta frase em específico foi trabalhado uso saudável do arco em termos de velocidade e quantidade e, também, questões interpretativas como mostrar mudanças de posição, linha do fraseado e vibrato constante.

Em conclusão, acho que foi uma aula positiva, a aluna respondeu bem às ideias transmitidas e às analogias e exemplos dados por mim. No que a mim diz respeito, acho que tive uma boa atitude pedagógica para com a aluna, foi uma aula bem corrida, não tendo sido atribulada e aquilo que tinha pensado e planeado para transmitir à aluna foi bem recebido.

Aula Planeada 2	31-05-2024
ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Conservatório de Música do Porto	
Ano/Grau: 11º/7º	
Duração da aula: 45 Minutos	
Regime de Frequência: Supletivo	
Número de alunos: 1	
Sala: -1.11B	
Estagiário: Guilherme Bispo Jerónimo	
OBJETIVOS:	
Objetivos gerais:	
Dar a conhecer à aluna regras de interpretação barroca	
Objetivos específicos:	
Trabalhar aspetos de fraseamento	

<p>Trabalhar condução melódica</p> <p>Trabalhar Retórica e Tatus</p>
<p>CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Allemande da Partita nº2 de Johann Sebastien Bach, BWV 1004
<p>DESENVOLVIMENTO DA AULA</p> <p>Introdução da aula (5min)</p> <p>Conversar com a aluna sobre o objetivo da aula</p> <p>Allemande (35min)</p> <p>Fraseado – reconhecimento e execução</p> <p>Condução melódica - reconhecimento e execução</p> <p>Retórica – em que consiste e aplicação</p> <p>Tatus – em que consiste e aplicação</p> <p>Conclusão (5min)</p> <p>Recapitulação do trabalho feito em aula.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partitura da Allemande da Partita nº2 de Johann Sebastien Bach, BWV 1004, Barenreiter Urtext • Violino • Arco • 1 mesa • Uma cadeira • Um espelho
<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Postura: postura correta ao segurar o violino e o arco. • Técnica de arco: Verificar a técnica do arco, o uso do peso do braço, a pressão e distribuição do arco. • Mão esquerda: colocação dos dedos na escala, a precisão das notas e a agilidade dos dedos. • Afinação: Verificar se o aluno é capaz de afinar seu violino corretamente e a precisão da afinação das notas tocadas durante a execução das escalas, peças e exercícios. • Interpretação de Símbolos Musicais: Verificar a compreensão de dinâmica, articulação, e outros símbolos musicais presentes na partitura.

- Fraseamento: Verificar como o aluno constrói frases musicais e se consegue transmitir a emoção da música.
- Progresso: Avaliar se o aluno está atingindo as metas estabelecidas nas aulas anteriores.
- Feedback e Correções: Observar como o aluno responde às correções e feedback do professor.
- Participação: Avaliar se o aluno participa ativamente da aula.
- Preparação para a Aula: Verificar se o aluno chegou preparado para a aula, tendo estado os exercícios e peças designados.
- Eficácia do estudo: Avaliar se o aluno demonstra técnicas eficazes de prática, como divisão do tempo, foco em dificuldades e repetição consciente.

REFLEXÃO

A aula começou com as saudações habituais, a aluna e eu afinamos os instrumentos e partilhei uma breve introdução e explicação daquilo que estava pensado para a aula e para trabalhar com a aluna.

Introdução e explicação feitas, passamos então para a aula propriamente dita.

Em primeiro lugar, a aluna tocou a primeira parte da obra. Optei por ser só a primeira parte para haver tempo para trabalhar o mais possível, sem pressas e atribulações e para dar mais espaço para tocar e experimentar os conceitos a serem trabalhados, dado que esses conceitos, uma vez trabalhados, traduzem-se também na segunda parte da peça.

Expliquei o conceito de tatus e retórica, onde, a meu ver, a música barroca se baseia com a intenção de passar uma ideia de calma ao tocar, onde cada coisa a ser tocada merece ser dita com dicção e direção. Com isto em mente, passamos ao trabalho de arco, da mão direita e do braço direito ativo, fatores fundamentais, dado que as cordas vocais do violino são o arco e o uso do mesmo vai ditar como estamos a cantar a música. Acrescentei também a ideia dos intervalos e as suas articulações, onde quanto mais é o intervalo, maior será o tempo entre as notas, associando essa ideia com exemplos de cantores e como eles interpretam intervalos no geral.

Seguidamente passamos ao trabalho de frases e ligaduras e o que fazer com elas, transmiti a ideia de que a ligadura dita a importância das notas e a hierarquia das mesmas.

Deu a conhecer à aluna o arco barroco, estratégia que optei por utilizar para que a aluna experimentasse e percebesse o quão importante é o bom uso do braço e da mão direita

para transmitir a ideia da música para o público dado que, com o arco barroco, é preciso ter outro tipo de abordagem e evidenciar mais as ideias a transmitir, musicalmente falando. A aluna ao início ficou nervosa com esta troca, mas, pouco a pouco, foi começando a perceber e a ajustar bem o tocar com arco barroco, facilitando assim a execução de algumas ideias trabalhadas até então.

De volta ao arco moderno, a aluna tocou de novo de início até ao final da primeira parte para experimentar os conceitos trabalhados até então.

Penso que, este trabalho foi importante porque, sem conhecimento prévio, pode ser difícil perceber a música de Bach e como a tocar, partilhando algumas ideias base e chave para o trabalho a ser pensado, no que à música barroca diz respeito, possibilitando assim, uma vez que a aluna volte a trabalhar música desta época, ter ferramentas desde início. A aluna foi muito receptiva àquilo que eu tinha para partilhar com ela e recebeu, percebeu e executou bem os conceitos dados em aula.

Tenho ideia que foi uma aula boa, porém, tive a sensação que às vezes falava muito rápido e gaguejado, não estando nervoso, acho que é uma coisa a ter em mente para futuras aulas, para que a informação seja mais bem passada e percebida.

2.5.3 Alunos de classe de conjunto

Aula Planeada 1 29-05-2024
ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Conservatório de Música do Porto
Ano/Grau: 5º e 6º/1º e 2º Duração da aula: 95 Minutos Regime de Frequência: Articulado e Supletivo Número de alunos: 14 Sala: Pequeno Auditório Estagiário: Guilherme Bispo Jerónimo
OBJETIVOS: Objetivos gerais: Trabalhar o conceito de tocar em orquestra e fazer música de câmara

<p>Objetivos específicos:</p> <p>Aprender a trabalhar o ouvido para estarem atentos às outras partes da orquestra</p> <p>Aprender sinais de direção e saber obedecê-los</p> <p>Saber diferenciar e aplicar</p>
<p>CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Star Wars – J. Williams, arr. P. Gilbert • Danny boy – música tradicional
<p>DESENVOLVIMENTO DA AULA</p> <p>Introdução da aula (5min)</p> <p>Conversar com os alunos sobre os objetivos da aula.</p> <p>Repertório (85 min)</p> <p>Danny Boy</p> <p>Trabalhar tempo</p> <p>Dinâmicas</p> <p>Tocar em música de câmara</p> <p>Afinação</p> <p>Star Warz</p> <p>Trabalhar tempo</p> <p>Dinâmicas</p> <p>Tocar em música de câmara</p> <p>Afinação</p> <p>Minuetto</p> <p>Trabalhar tempo e métrica</p> <p>Dinâmicas</p> <p>Tocar em música de câmara</p> <p>Afinação</p> <p>Conclusão (5min)</p> <p>Recapitulação do trabalho feito em aula.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partituras individuais • Partituras Gerais • 3 Violinos • 8 Violas

- 2 Violoncelos
- 1 Contrabaixo
- Arcos
- 14 cadeiras
- 8 estantes

AValiação

- Postura: postura correta ao segurar o instrumento e o arco.
- Técnica de arco: Verificar a técnica do arco, o uso do peso do braço, a pressão e distribuição do arco.
- Mão esquerda: colocação dos dedos na escala, a precisão das notas e a agilidade dos dedos.
- Afinação: Verificar se os alunos são capazes de afinar e a precisão da afinação das notas tocadas durante a execução das escalas, peças e exercícios.
- Interpretação de Símbolos Musicais: Verificar a compreensão de dinâmica, articulação, e outros símbolos musicais presentes na partitura.
- Fraseamento: Verificar como os alunos constroem frases musicais e se conseguem transmitir a emoção da música.
- Progresso: Avaliar se os alunos estão a atingir as metas estabelecidas nas aulas anteriores.
- Feedback e Correções: Observar como os alunos respondem às correções e feedback do professor.
- Participação: Avaliar se os alunos participam ativamente da aula.
- Preparação para a Aula: Verificar se os alunos chegam preparados para a aula, tendo estudado os exercícios e peças designados.
- Eficácia do estudo: Avaliar se os alunos demonstram técnicas eficazes de prática, como divisão do tempo, foco em dificuldades e repetição consciente.
- Saber ser
- Saber estar

REFLEXÃO

Nesta aula aconteceu um imprevisto, a professora pediu-me para introduzir uma peça nova aos alunos dado que eles vão ter um concerto da próxima quinta-feira. Concerto esse marcado muito recentemente dado que é com a finalidade de angariar fundos para o tratamento de doença de um aluno do conservatório.

Posto isso, abracei o projeto e pensei em estratégias para fazer uma leitura de uma peça nova o mais eficaz possível.

Primeiramente, comecei por pedir aos alunos para solfejar, só os ritmos, por partes. Já desde este ponto apelei para que solfejassem com a articulação certa, para que, quando passássemos a tocar com os instrumentos, já tivessem uma ideia mais clara do que deveriam fazer. Os alunos não tiveram dificuldade em solfejar à primeira vista, porem precisaram de tempo e adaptação para solfejarem juntos.

Depois foi feito um trabalho por naipe, num tempo mais lento, dado que achei que fosse mais organizado e de mais fácil percepção da partitura se cada naipe praticasse a sua parte individualmente antes de juntar os restantes naipes.

Feito o trabalho de naipe, juntamos os naipes todos para tocar em música de câmara onde o foco era tocar juntos, a precisos com as articulações, havendo algumas retificações necessárias ao longo do processo de leitura.

Este trabalho foi feito em todas as partes da peça fazendo, assim, com que para uma primeira leitura e aula, os alunos saíssem da aula com uma ideia geral e específica da peça, sabendo cada naipe quais eram os objetivos de cada um.

Foi uma aula divertida, didática, não muito exaustiva e, pela reação dos alunos, bem recebida.

No final acabámos todos a tocar em pé o que foi divertido para eles.

Aula Planeada 2
12-06-2024
ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Conservatório de Música do Porto
Ano/Grau: 5º e 6º/1º e 2º
Duração da aula: 60 Minutos
Regime de Frequência: Articulado e Supletivo
Número de alunos: 14
Sala: Pequeno Auditório
Estagiário: Guilherme Bispo Jerónimo
OBJETIVOS:
Objetivos gerais:
Trabalhar o conceito de tocar em orquestra e fazer música de câmara

<p>Objetivos específicos:</p> <p>Aprender a trabalhar o ouvido para estarem atentos às outras partes da orquestra</p> <p>Aprender sinais de direção e saber obedecê-los</p> <p>Conciliar as partes individuais com o conceito de tocar em música de câmara</p> <p>Saber diferenciar e aplicar</p>
<p>CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Star Wars, J. Williams (arr. P. Gilbert) • Danny boy (Música tradicional) • Samba Lele (Música Tradicional)
<p>DESENVOLVIMENTO DA AULA</p> <p>Introdução da aula (5min)</p> <p>Conversar com os alunos sobre os objetivos da aula</p> <p>Repertório (50 min)</p> <p><u>Danny Boy:</u></p> <p>Trabalhar tempo</p> <p>Dinâmicas</p> <p>Tocar em música de câmara</p> <p><u>Star Warz:</u></p> <p>Trabalhar tempo</p> <p>Dinâmicas</p> <p>Tocar em música de câmara</p> <p>Afinação</p> <p><u>Samba Lele:</u></p> <p>Trabalhar tempo e métrica</p> <p>Dinâmicas</p> <p>Ritmo</p> <p>Tocar em música de câmara</p> <p>Afinação</p> <p>Conclusão (5min)</p> <p>Recapitulação do trabalho feito em aula.</p>
<p>RECURSOS E FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partituras individuais • Partituras Gerais

- 3 Violinos
- 8 Violas
- 2 Violoncelos
- 1 Contrabaixo
- Arcos
- 14 cadeiras
- 8 estantes

AValiação

- Postura: postura correta ao segurar o instrumento e o arco.
- Técnica de arco: Verificar a técnica do arco, o uso do peso do braço, a pressão e distribuição do arco.
- Mão esquerda: colocação dos dedos na escala, a precisão das notas e a agilidade dos dedos.
- Afinação: Verificar se os alunos são capazes de afinar e a precisão da afinação das notas tocadas durante a execução das escalas, peças e exercícios.
- Interpretação de Símbolos Musicais: Verificar a compreensão de dinâmica, articulação, e outros símbolos musicais presentes na partitura.
- Fraseamento: Verificar como os alunos constroem frases musicais e se conseguem transmitir a emoção da música.
- Progresso: Avaliar se os alunos estão a atingir as metas estabelecidas nas aulas anteriores.
- Feedback e Correções: Observar como os alunos respondem às correções e feedback do professor.
- Participação: Avaliar se os alunos participam ativamente da aula.
- Preparação para a Aula: Verificar se os alunos chegam preparados para a aula, tendo estudado os exercícios e peças designados.
- Eficácia do estudo: Avaliar se os alunos demonstram técnicas eficazes de prática, como divisão do tempo, foco em dificuldades e repetição consciente.
- Saber ser
- Saber estar

REFLEXÃO

A aula começou com as saudações habituais.

Apesar de não ter sido panificado, começamos por trabalhar escalas em música de câmara. Nestas aulas temos vindo a fazer exercícios de escalas para trabalhar afinação e qualidade de som.

Fizemos 4 exercícios:

Escala de Dó maior em mínimas, um arco por nota.

Escala de Dó maior em semínimas, um arco por nota.

Escala de Dó maior em colcheias, uma nota por cada duas colcheias, ou seja, dois arcos por nota.

Escala de Dó por inversões, exercício que introduzi na última aula assistida e, dado que foi bem recebido, decidi refazê-lo nesta aula.

Depois dos exercícios técnicos passamos a trabalhar o Samba lele.

O maior foco, nesta aula, foi procurar novas articulações para chegar a uma versão o mais equivalente à sonoridade tipicamente brasileira.

Foram experimentadas várias variações das mesmas partes até chegar a uma versão desejada e os alunos, apesar de não ser um trabalho fácil, estavam a corresponder com muito entusiasmo.

A aula terminou um pouco mais cedo, dado que a orquestra do 3º ciclo ia fazer uma apresentação e vieram convidar os nossos alunos para assistirem.

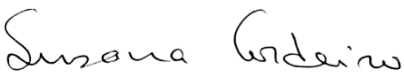
2.6 Relatórios - Professor Supervisor

Nome: Vítor Vieira	Professor Orientador/Supervisor
Reflexão: <p>Na qualidade de professor supervisor do Guilherme Jerónimo, testemunhei a seriedade e empenho que trouxe à sua atividade docente.</p> <p>O Guilherme foi sempre assíduo e pontual e planificou e preparou todas as aulas a que assisti de uma forma cuidadosa e fundamentada de um ponto de vista técnico-musical e pedagógico. Conseguiu comunicar com os alunos de uma maneira descontraída e clara. Demonstrou um bom domínio do repertório que ensinou, o que lhe permitiu não só explicar todos os conceitos e técnicas necessários, mas também exemplificar de uma maneira clara. Mostrou também uma grande vontade de aprender e melhorar, não só na maneira como integrava sugestões, mas também na procura de soluções para problemas em que a metodologia planeada não surtia o efeito desejado. Cumpriu também os planos das aulas.</p> <p>Penso que o projeto de intervenção do Guilherme é pertinente e potencialmente útil para a prática pedagógica. Penso que merece aprofundamento no futuro.</p> <p>Saliento também a excelente comunicação e sintonia entre o Guilherme e as professoras cooperantes, que naturalmente trouxe resultados positivos para as aulas e um entendimento fácil com os alunos.</p> <p>Não tenho dúvidas que esta experiência foi muito positiva para a prática pedagógica do Guilherme e que ela está preparado para a sua carreira como professor de violino.</p>	

2.7 Relatórios - Professoras Cooperantes

Nome: Ângela Neves	Professora cooperante no âmbito das aulas de Violino – Regime Básico
<p>Reflexão:</p> <p>O Guilherme Jerónimo, enquanto professor estagiário, acompanhou a evolução técnico-artística de 3 alunos: o aluno Gabriel Pinto do 4º grau; o aluno Lucas Barros do 2º ano e a aluna Sara Santos também do 2º ano, no Conservatório de Música do Porto, ao longo do ano letivo de 2023/2024.</p> <p>Revelou-se muito envolvido e dedicado com a sua classe ao longo deste período formativo, tendo um grande foco para a evolução dos alunos, comprovando a consistência do seu método educativo. Ao longo do estágio evidenciou sempre habilidade para trabalhar em equipa em prol da sua capacitação. Demonstrou-se sempre disponível para ajudar, com grande sensibilidade para as necessidades educativas de cada aluno, desenvolvendo boas relações com os educandos, desbloqueando o seu potencial. Neste sentido, esteve presente na audição do dia 6 de dezembro de 2023, onde atuou o aluno Gabriel Pinto, do 4º grau. O cumprimento de timings e das planificações também se revelou um aspeto que teve sempre em conta, querendo cumprir ao máximo o que estava definido no planeamento.</p> <p>Revelou-se sempre muito cuidado com detalhes de carácter técnico e interpretativos, recorrendo sempre a formas positivas para ultrapassar os mais diversos obstáculos que pudessem aparecer, manifestando uma grande capacidade de resiliência nas relações com os alunos.</p> <p>Demonstrou ainda estar preparado para o exercício da função docente, no que diz respeito à componente técnica, mas também do ponto vista pedagógico e educacional, elementos estes que foram sendo muito desenvolvidos ao longo do período de estágio.</p>	
<p>Ângela Maria Nunes Neves</p> <p>-----</p>	

Nome: Ariana Dantas	Fui professora cooperante no âmbito das aulas de Violino - Regime Secundário
<p>Reflexão:</p> <p>O Guilherme revelou sempre motivação, interesse e foco nas aulas a que assistiu.</p> <p>Revelou interesse pelas perspetivas pedagógicas reveladas e trabalhadas nas aulas e estabeleceu uma relação de presença e empatia com a minha aluna.</p> <p>Nas suas duas aulas assistidas, o Guilherme conseguiu preparar conhecimentos pedagógicos interessantes e maioritariamente apropriados na abordagem interpretativa das obras trabalhadas, assim como procurou desenvolver o interesse da aluna em procurar ser mais expressiva na sua interpretação e sonoridade.</p>	
<p>Assinatura</p> <p>Ariana Dantas</p>	

Nome: Susana Cordeiro	Fui professora cooperante no âmbito das aulas de Classe de Conjunto – Orquestra de cordas do 2º ciclo do regime articulado e supletivo
<p>Reflexão:</p> <p>O estagiário Guilherme Jerónimo, que frequentou as aulas de Classe de Conjunto – Orquestra de cordas do 2º ciclo do regime articulado e supletivo, no Conservatório de Música do Porto (CMP), revelou um envolvimento de excelência e de rigor em todo o processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente na participação nas aulas (quer dadas, quer assistidas), bem como em toda a atividade da comunidade escolar do CMP, participando ativamente nas apresentações dessa orquestra. Revelou uma relação muito boa com os alunos e uma correta aplicação dos conteúdos partilhados, mostrando-se sempre muito ativo e colaborante nas aulas.</p>	
<p>Assinatura:</p> 	

2.8 Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada

O percurso do estágio, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada no Conservatório do Porto, foi uma experiência extremamente pertinente e enriquecedora, marcada por diversos pontos positivos que contribuíram para o meu crescimento pessoal, profissional e pedagógico.

Primeiro, as instalações do conservatório impressionam ao nível da sua qualidade e cuidado. Desde as salas de aula, camarins, até aos espaços comuns, tudo está concebido para promover um ambiente propício ao estudo e à prática musical. A acústica das salas de concerto e de ensaio merece realce, dado que oferece uma experiência sonora ímpar, tanto para os alunos quanto aos ouvintes. Estes ambientes fomentam a criatividade e a excelência, tornando cada ensaio e apresentação momentos de inspiração e aprendizagem.

Paralelamente às instalações de qualidade, o profissionalismo da equipa docente e não docente é mais um ponto que merece ser sublinhado. Os professores do Conservatório do Porto são mestres nas suas áreas de especialização e também mentores dedicados que se empenham no apoio e orientação dos estudantes e no desenvolvimento das suas habilidades musicais. O seu vasto conhecimento, combinado com uma abordagem pedagógica personalizada, garante que cada aluno receba a atenção e os recursos necessários para atingir o seu pleno potencial.

A equipa não docente desempenha, também, um papel crucial na manutenção do alto padrão do conservatório. Todos contribuem para criar um ambiente organizado e acolhedor com a sua atitude pronta e prestável. A coordenação eficaz entre as diferentes equipas permite que as atividades diárias fluam sem entraves, facilitando o bom funcionamento das aulas e a realização de eventos.

Ao longo do estágio, tive a oportunidade de observar e participar em diversos aspetos do funcionamento do conservatório. Assisti a aulas inspiradoras, onde o gosto pela música e pelo ensino se manifestavam em cada detalhe. Participei na preparação para concertos e provas, o que me permitiu apreciar a complexidade e a dedicação envolvidas na criação de experiências musicais de alta qualidade. Cada dia no conservatório foi uma lição sobre compromisso, profissionalismo e amor pela arte.

Foi uma experiência altamente positiva e transformadora. As excelentes instalações e o elevado nível de profissionalismo da equipa docente e não docente criam condições e ambiente para que a música e a educação floresçam de mãos dadas. Esta vivência não só reforçou o meu gosto e interesse pelo ensino e pela música, como também me equipou com valiosas competências e conhecimentos que aportarei comigo para a minha vida profissional.

3 Oficina do Violino e Aula de Performance

3.1 Introdução

Neste capítulo, estará presente a pesquisa e a revisão de literatura no âmbito da importância das aulas de grupo no contexto educacional, comparando as teorias com as evidências empíricas que suportam a sua eficácia e analisando e adaptando essas teorias no contexto do ensino do violino.

As atividades de grupo têm vindo a obter cada vez mais destaque no ensino atual, nomeadamente devido ao seu potencial de promoção de abordagens colaborativas, motivacionais, autonomia, relações interpessoais, pensamento crítico e aprendizagem ativa entre os alunos.

A revisão de literatura será estruturada para revelar como os diferentes autores e as suas abordagens pedagógicas têm integrado a dinâmica de grupo, destacando os pontos relevantes e benefícios observados em diversos contextos educacionais. Para além de apresentar a evolução e os fundamentos teóricos que suportam as aulas de grupo, este capítulo examinará estudos de caso e pesquisas empíricas que confirmam os resultados desta metodologia. A discussão incluirá aspetos práticos sobre a implementação de aulas em grupo, desafios comuns e estratégias para maximizar os fatores benéficos desta abordagem.

Concluirei com uma síntese dos principais pontos discutidos, salientando a pertinência das aulas de grupo como uma ferramenta pedagógica confiável para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas nos alunos e com a aplicação de pontos da revisão de literatura na implementação de dois possíveis modelos de aulas de grupo – Oficina do Violino e Aula de Performance.

3.2 A importância de aulas de grupo no ensino

Os estudos que se seguem são estudos de referência na pesquisa e tratamento de aulas grupo onde os pontos pertinentes a serem evidenciados são o desenvolvimento de habilidades sociais e colaborativas, aprimoramento do conhecimento, pensamento académico, pensamento crítico, autonomia, responsabilidade, motivação e retenção de conhecimento.

“Making cooperative learning work”

Johnson & Johnson, 1999

Aprendizagem cooperativa é um conceito onde alunos, dentro de pequenos grupos, trabalham para potencializar e maximizar o conhecimento, a aprendizagem individual e a dos seus pares. (Johnson & Johnson, 1999, p.73)

Este conceito pode ser utilizado em vários contextos e para diferentes finalidades onde o principal objetivo é assegurar que o grupo e os alunos envolvidos retenham melhor a informação partilhada, dentro de um contexto de aula, palestra, demonstração.

A aprendizagem cooperativa formal é, então, um método de trabalho de grupo onde esse mesmo grupo vai atuar num período, seja ele qual for, designado pelo professor, objetivando a aprendizagem de certos termos e a concretização dos desafios apresentados.

Para que este conceito seja possível, o professor terá que:

- Planificar e partilhar os objetivos.

“Os professores especificam os objetivos para a aula (académicos e sociais) e decidem o tamanho do grupo, o método de escolha do grupo, o papel de cada aluno, os materiais necessários para orientar a aula e a disposição da sala”¹
(Johnson & Johnson, 1999, pp.66-69)²

- Manifestar a importância da intervenção ativa e positiva de todos os integrantes do grupo na tarefa designada.

“Um professor define claramente a tarefa, ensina os conceitos e estratégias, especifica a interdependência positiva e a responsabilidade

² Citação traduzida diretamente de “Teachers specify the objectives for the lesson (both academic and social skills) and decide on the size of the groups, the method of assigning students to groups, the roles students will be assigned, the materials needed to conduct the lesson and the way the room will be arranged.”

individual, dá os critérios para o sucesso, e explica a ferramenta social a ser utilizada” (Johnson & Johnson, 1999, p.69)³

- Guiar a aprendizagem e interveniência dos alunos, ajudando na tarefa designada e maximizando as ferramentas sociais e de grupo.

“Um professor sistematicamente observa e adquire informação de cada grupo durante o processo de trabalho. Quando necessário, o professor intervém para auxiliar os alunos a completar a tarefa com precisão e para trabalharem juntos efetivamente” (Johnson & Johnson, 1999, p.69)⁴

- Avaliar a aprendizagem dos alunos e o funcionamento dentro do grupo.

“A aprendizagem dos alunos é cuidadosamente acompanhada e o seu desempenho avaliado. Os membros dos grupos de aprendizagem discutem então o quão efetivamente trabalharam e como podem progredir no futuro” (Johnson & Johnson, 1999, p.69)⁵

Os grupos de aprendizagem cooperativa são, caracteristicamente, pequenos conjuntos de alunos, permanentes, que têm como base e objetivo não só ajudarem-se e auxiliarem-se entre eles, como também encorajarem rigor e progresso académico. Estes grupos encontram-se e interagem em momentos específicos do percurso anual escolar e partilham momentos que “providenciam relações interpessoais necessárias para influenciarem os membros a trabalhar consistentemente na escola” (Johnson & Johnson, 1999, p.69). A utilização deste método de trabalho de grupo, de acordo com Johnson & Johnson, tende a melhorar o percurso escolar, isto é, os alunos passam a ser mais assíduos nas aulas, personalizam mais o tipo de trabalho feito e a

³ Citação traduzida diretamente de “A teacher clearly defines the assignment, teaches the required concepts and strategies, specifies the positive interdependence and individual accountability, gives the criteria for success, and explains the social skills to be used.”

⁴ Citação traduzida diretamente de “A teacher systematically observes and collects data on each group as it works. When needed, the teacher intervenes to assist students in completing the task accurately and in working together effectively.”

⁵ Citação traduzida diretamente de “Student’s learning is carefully assessed and their performances evaluated. Members of the learning groups then discuss how effectively they worked together and how they can improve in the future.”

própria experiência escolar e melhoram a qualidade da aprendizagem e a quantidade dos conteúdos aprendidos.

De acordo com Johnson & Johnson, pp. 70-71, há cinco critérios que têm de estar presentes na aprendizagem cooperativa para que esta funcione:

- Interdependência positiva – a percepção de que o sucesso é dependente da interligação entre todos e que todos são interdependentes do trabalho de cada um;
- Responsabilidade individual – noção de que cada aluno é responsável pelo seu trabalho e partilha dentro do grupo, com o propósito de que, com o crescer do grupo, a emancipação individual aconteça;
- Interação promocional presencial – promover o sucesso dos colegas pela ajuda individual. Isto pode incluir ferramentas como a explicação de uma problemática e a partilha da possível solução para a mesma, discussão dos conceitos aprendidos e partilha de experiências e maneiras aprendidas no passado em prol de resolução de obstáculos do presente.
- À-vontade social – para que a aprendizagem cooperativa aconteça de todos, entre todos e para todos, sem exceção, é necessário que seja transmitido a todos os alunos, à priori, noções de liderança, poder de decisão, confiança e gestão de conflitos.
- Processo de grupo – conceito presente na discussão de grupo onde está presente o progresso e objetivos do grupo e o quão efetivos estão a ser e, também, comportamentos individuais beneficiários e/ou prejudiciais para a dinâmica do conjunto.

Estudos feitos provam que a aprendizagem cooperativa é um benefício tanto para a saúde mental como para as competências sociais possibilitando experiências que proporcionam maior autoestima, independência, autonomia, resiliência e uma maior capacidade de lidar com stress.

A aprendizagem cooperativa é um conceito de métodos instrutivos onde professores organizam os alunos em grupos que trabalham juntos cooperativamente para aprender algum conceito novo. Estes métodos são conhecidos por melhorar o desempenho escolar e acadêmico dos alunos, não obstante, “(...) as formas estruturadas de aprendizagem cooperativa que se mostraram eficazes, não são utilizadas tão frequentemente quanto outras formas mais informais”⁶ (Slavin, 2015, p.1). Além disso, há um debate considerável sobre a base teórica para os resultados de desempenho deste conceito.

Os métodos de aprendizagem cooperativa variam nos seus detalhes e no tamanho dos grupos. Os membros do grupo podem ter iguais ou diferentes papéis ou tarefas individuais. Os grupos podem ser avaliados e/ou recompensados com base no desempenho do mesmo ou na média dos desempenhos individuais, podendo também ser solicitados a trabalhar juntos. (Slavin, 2015, p.1)

De qualquer forma, a aprendizagem cooperativa tem sido estudada e utilizada num leque alargado de disciplinas, com alunos dos mais variados níveis de ensino e em todos os tipos de escolas. Houve centenas de estudos feitos sobre a aprendizagem cooperativa que se focaram numa ampla variedade de resultados, incluindo desempenho acadêmico em muitas disciplinas, frequência, comportamento, relações interpessoais, coesão social, aceitação de colegas com deficiências, atitudes em relação às disciplinas, e mais.

Segundo um trabalho anterior de Slavin, 1995, são identificadas quatro perspectivas teóricas:

1. Perspetiva Motivacionalista

O motivacionalismo dita que a motivação para a planificação, conclusão e ambiente cooperativo provém de um interesse próprio de cada individuo do grupo e que este é o processo

⁶ Traduzido diretamente de “the structural forms of cooperative learning that have proven to be effective are not used as often as more informal forms.”

mais importante. Com isto, os membros do grupo, para alcançarem os seus objetivos, passam a auxiliar os seus colegas e a adotar estratégias que façam com que o grupo tenha sucesso. Contradizendo a norma de disposição das salas de aula, formar grupos de trabalho fará com que os alunos se entrem e se motivem a concluir as tarefas, fazendo com que, por vezes, os alunos consigam aumentar o seu limite de esforço e expectativa. (Slavin, 2015, p.6)

2. Perspetiva de Coesão Social

Esta perspetiva, também chamada de Teoria Socio-interdependente, diz que os resultados da aprendizagem cooperativa dependem da coesão do grupo. Sugere também que os alunos se ajudem mutuamente devido a uma empatia intrínseca para com o grupo e para com os colegas e deriva da percepção de benefícios individuais por fazer parte desse grupo, fazendo, assim, com que o aluno almeje o sucesso de grupo.

Esta perspetiva tem em comum o fator motivacional presente na perspetiva motivacionalista, sendo que o que a diferencia é o ponto primário da motivação onde, no motivacionalismo, a motivação é derivada de um proveito próprio e individual, ao passo que, na perspetiva da coesão social, a motivação individual é para com o sucesso do grupo. (Slavin, 2015, p.9)

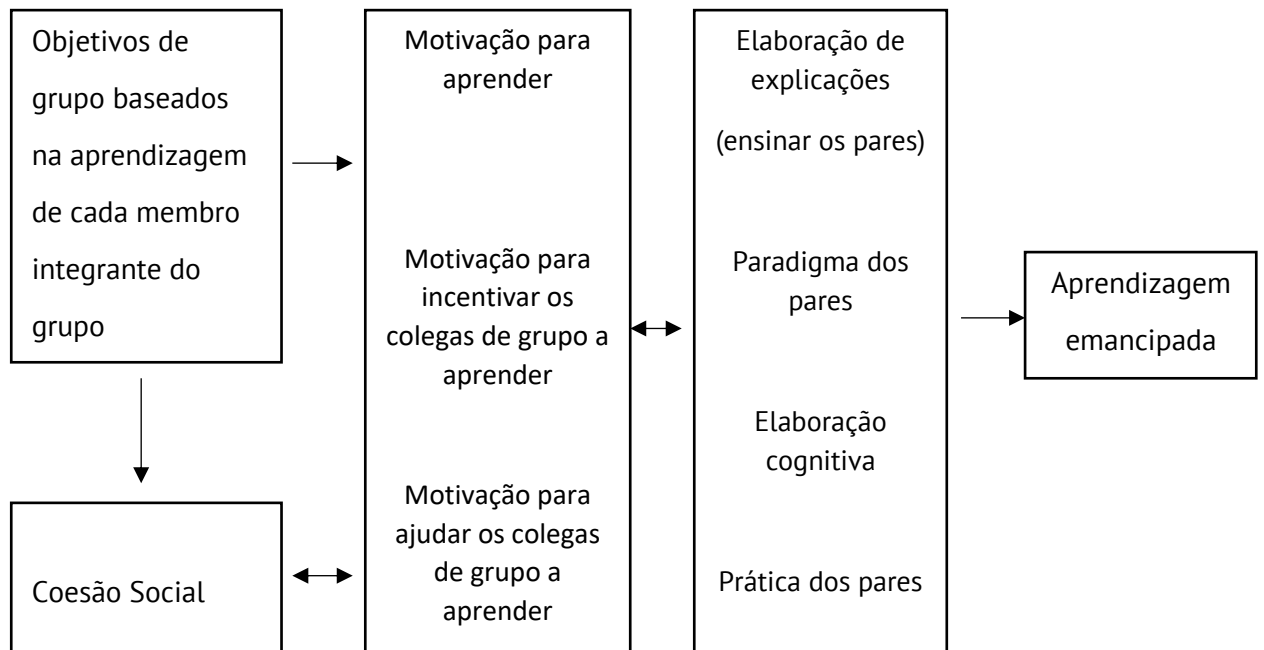
3. Perspetiva Cognitiva

Foca-se na interação existente entre os alunos dado que estas enfatizam as aprendizagens e concretizações individuais, proveniente de processamento cognitivo e não da motivação intrínseca ou extrínseca (Slavin, 2015, p12). Esta perspetiva deriva de trabalhos de Piaget e Vygotsky e refere que aprender requer a reestruturação ou elaboração cognitiva de novo material, partindo de conteúdos aprendidos anteriormente, onde a aprendizagem cooperativa opera positivamente, ou seja, partilha de experiências e opiniões, tertúlias, discussão dos pontos de cada um, ouvir e ser ouvido.

4. Perspetiva Integradora

Esta perspetiva foca-se em unificar as perspetivas anteriores para, no fundo, obter uma visão e teoria mais completa.

O modelo que se segue, adaptado do modelo de Slavin (1995), dita a relação entre as mais importantes perspetivas sobre aprendizagem cooperativa.⁷



⁷ Modelo tirado e traduzido diretamente do modelo presente no artigo de Slavin (2015)

The teacher's role in promoting collaborative dialogue in the classroom.

Webb, 2009

Dentro do contexto educacional moderno, o papel do professor estende-se para lá da mera transmissão de conhecimento. Os educadores são, cada vez mais, reconhecidos e caracterizados como guias de aprendizagem, estando encarregues de criar um ambiente propício ao diálogo colaborativo. Este processo não só enfatiza a participação dos alunos, como também promove o pensamento crítico, resolução de problemas e aptidões comunicativas. Webb (2009) expõe estes conceitos remetendo a trabalhos de outros autores. De seguida, estará presente a descrição destes autores e das suas visões:

Na Perspetiva de Colaboração Elaborativa de O'Donnell, 2006 (Webb, 2009, p.1), o autor refere que o trabalho colaborativo estimula a reestruturação cognitiva, onde os alunos reorganizam e clarificam as suas perceções. A explicação do material e conceitos ajuda a que os alunos exercitem, reconheçam equívocos, preencham lacunas do conhecimento e conectem a informação com conhecimento já existente (Bargh & Schul, 1980). Diz ainda que o explicar vindo do aluno na formulação das respostas faz com que este interiorize melhor os princípios e os modelos mentais corretos (Chi,2000).

Na perspetiva de Piaget (Webb, 2009, p.3), é referido o conflito cognitivo onde contradições na perceção durante as interações ocorrem, direcionando a uma reavaliação das ideias e busca de nova informação. O conflito sociocognitivo aquando das interações sociais promove a aprendizagem por meios de reconciliação de diferentes perspetivas (Doise & Mugny, 1984).

Vygotsky (Webb, 2009, p.3), perspetiva que os benefícios da aprendizagem ocorrem quando uma pessoa mais capacitada auxilia uma menos habilitada, permitindo que esta execute tarefas que vão para além das suas capacidades (Vygotsky, 1978). Adiciona ainda que a participação guiada auxilia a pessoa menos competente a interiorizar novas capacidades e conhecimentos (Tudge, 1990).

Na visão co-construtivista (Webb, 2009, p.3), os alunos criam conhecimento contribuindo com diferentes saberes, construindo a partir das ideias de cada um, criando, assim, novas soluções

(Hatano, 1993; Hogan, Nastasi, & Pressley, 2000). Este processo requer uma colaboração e coordenação entre os membros do grupo (Barron, 2003).

Estudos indicam que, enquanto certas interações verbais emancipam a aprendizagem, alguns alunos tendem a ter dificuldades em participar nestes diálogos por vontade própria (Webb, 2009, p. 6). Estes alunos raramente pedem ou providenciam explicações e, quando estas acontecem, tendem a ser confusas, incompletas e/ou incorretas (Ross & Cousins, 1998; Ross, 2008), fazendo assim, com que o papel do professor como promotor de diálogos efetivos de grupo e mitigador de processos negativos ganhe uma maior importância. Para que esse papel seja realizado, o professor terá que:

- Preparar os alunos para a colaboração, equipando-os com ferramentas e conhecimentos necessários para a colaboração efetiva. Estudos como SPRinG program de Baines et al. (2008) foca-se em preparar os alunos com ferramentas comunicativas como falar à vez, escutar ativo, perguntar e responde a questões, debater e concluir as conversas. O estudo “Similar initiatives” de Gillies (2003, 2004) ensina a audição ativa, opiniões construtivas e contribuições vindas de todos os membros do grupo (Webb, 2009, pp. 6-7).
- Formar grupos estrategicamente para que as interações e aprendizagens sejam otimizadas. Algumas abordagens de grupo estruturam a interação de maneiras específicas ou implementam atividades para guiar a cooperação do grupo e melhorar a qualidade e profundidade da discussão (Webb, 2009, pp. 8-9).
- Estruturar o trabalho do grupo, definindo tarefas que estimulem os alunos a participar nos processos produtivos. Para isso acontecer, Cohen (1994b) recomenda a atribuição de problemas complexos e resposta aberta, que requerem a combinação das valências de todos os membros do grupo, valorizando, assim, todas as contribuições. A visão de Cohen é suportada por Chizhik e colegas (2001;2002) que perceberam que problemas de resposta aberta reduzem a disparidade da participação entre membros mais capacitados e menos capacitados, em comparação com tarefas mais estruturadas (Webb, 2009, pp. 11-12).

- Participar em discursos efetivos, proporcionar e modelar os tipos de comunicação que promovam uma percepção e colaboração aprofundada (Webb, 2009, pp. 18-19). De acordo com Hiebert & Wearne (1993) e Wood (1998), perguntas de alto nível que requerem inferências e sínteses promovem uma participação e percepção mais profunda. Encorajar os estudantes a justificar e argumentar emancipa a participação (Boaler, 1997; Forma net al., 1998). Professores que pressionem os alunos a explicar o seu processo de pensamento melhora a profundidade das discussões de grupo. Webb et al. (2008) observou que, quando os professores explicavam os passos de resolução para um problema, as explicações dos alunos, aquando do trabalho de grupo, aconteciam com mais frequência e o seu conteúdo passava a ser mais preciso.

Mind in society: Development of higher psychological processes.

Capítulo 6: Interaction between Learning and Development

Vygotsky, 1930

Vygotsky estabelece uma conexão vital entre a aprendizagem e o desenvolvimento, enfatizando o papel crucial da interação social e do ensino no crescimento cognitivo das crianças. A aprendizagem pode promover saltos qualitativos no desenvolvimento, levando a uma reestruturação das habilidades cognitivas da criança. Estes pontos são expostos no capítulo 6 “Interação entre Aprendizagem e desenvolvimento”.⁸

Na questão da Interdependência entre Aprendizagem e Desenvolvimento, Vygotsky argumenta que a aprendizagem e o desenvolvimento estão intimamente ligados. Ele critica teorias que tratam esses processos como separados e independentes.

A aprendizagem é um motor para o desenvolvimento, isto é, quando uma criança aprende algo de novo, isso faz com que esta adquira novos conhecimentos e promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas e processos mentais mais complexos (Vygotsky, 1930, p.75).

Um dos conceitos mais importantes introduzidos por Vygotsky é a Zona de Desenvolvimento Proximal, isto é, a distância entre o nível de desenvolvimento atual da criança, determinado pela sua capacidade de resolução problemas de forma independente, e o nível de

⁸ Nome do capítulo traduzido diretamente de “Interaction between Learning and Development”

desenvolvimento potencial, determinado “através da resolução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sub orientação de um adulto ou colaboração com pares mais capazes” (Vygotsky, 1930, p.79)⁹.

A aprendizagem deve ocorrer dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal para ser eficaz, ou seja, quando a criança é desafiada dentro dessa zona, ela é capaz de desenvolver novas habilidades que, eventualmente, se tornarão parte de seu repertório independente:

“(...)a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e o estado do desenvolvimento dinâmico, conciliando, não só, para o que está aprendido, como também, para aquilo que está a ser desenvolvido.” (Vygotsky, 1930, p.80)¹⁰

“(...) o que uma criança consegue fazer com assistência, hoje, conseguirá fazer sozinha, no futuro.” (Vygotsky, 1930, p.80)¹¹

Vygotsky refere a função mediadora do ensino, isto é, o papel do ensino e da instrução na facilitação da aprendizagem. O ensino efetivo ajuda a expandir a zona de desenvolvimento proximal da criança, levando-a a alcançar um nível de desenvolvimento mais alto, onde professores e adultos desempenham um papel crucial como mediadores, ajudando a criança a progredir através da zona de desenvolvimento proximal:

“Pela prática da imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais em atividades coletivas ou sob o acompanhamento de um adulto. Este facto, (...), é de uma importância fundamental, dado que, exige uma alteração radical

⁹ Traduzido diretamente de “independent problem solving and the level of potential development as determined through problem solving under adult guidance or in collaboration with more capable peers.”

¹⁰ Traduzido diretamente de “the zone of proximal development permits us to delineate the child's immediate future and his dynamic developmental state, allowing not only for what already has been achieved developmentally but also for what is in the course of maturing.”

¹¹ Traduzido diretamente de “what a child can do with assistance today she will be able to do by herself tomorrow.”

de toda a doutrina que envolve a relação entre aprendizagem e desenvolvimento nas crianças.” (Vygotsky, 1930, p.82)

O desenvolvimento cognitivo de uma criança é profundamente influenciado pelo contexto social e cultural em que está inserida. As interações sociais, a linguagem e as práticas culturais fornecem as ferramentas através das quais a criança aprende e se desenvolve.

É destacado por Vygotsky que o conhecimento é construído coletivamente e que as habilidades cognitivas se desenvolvem através da internalização das interações sociais:

“(...)aprender desperta uma variedade de processos internos de desenvolvimento que somente operam quando a criança interage com pessoas no seu ambiente regular e em cooperação com os seus pares” (Vygotsky, 1930, p.83)¹²

“(...)aprender é um aspeto universalmente necessário do processo de desenvolvimento de funções psicológicas, (...), culturalmente organizadas.” (Vygotsky, 1930, p.84)¹³

Vygotsky, p.84, vê o desenvolvimento como um processo dinâmico e contínuo, em vez de uma série de etapas fixas.

Motivating project-based learning: Sustaining the doing, supporting the learning.

Blumenfeld, et al., 1991

“Project-based Learning”¹⁴ (PBL) é um conceito de dinâmica se sala de aula que incentiva os alunos a explorar ativamente problemas e desafios do seu quotidiano (Blumenfeld et al., 1991, p

¹² Citação diretamente traduzida de “learning awakens a variety of internal developmental processes that are able to operate only when the child is interacting with people in his environment and in cooperation with his peers”

¹³ Citação diretamente traduzida de “learning is a necessary and universal aspect of the process of developing culturally organized, specifically human, psychological functions.”

¹⁴ Tradução – Aprendizagem com base em tarefas

369). Este método não só permite uma percepção profunda do conteúdo acadêmico, como também desenvolve pensamento crítico, colaboração e o apuramento de ferramentas sociais de comunicação. Para motivar efetivamente os alunos com base na aprendizagem baseada em projetos, os educadores podem aplicar várias estratégias, explícitas no texto abaixo.

Relevância de conectar projetos de problemáticas do cotidiano e do mundo atual dentro do interesse dos alunos eleva e realça as suas motivações, “(...) *A aprendizagem com base em projetos também coloca os alunos em ambientes de resolução de problemáticas realísticas e contextualizadas. Assim, os projetos servem como pontos de ligação fenômenos na sala de aula e experiências do dia a dia (...)*” (Blumenfeld et al., 1991, p 372)¹⁵. Os estudantes exercem uma participação mais ativa e profunda, quando percebem a relevância do seu trabalho. Serve como exemplo, no artigo, como um projeto de energias renováveis pode ser ligado a iniciativas do cotidiano ambiental local dos alunos, tornando assim a experiência mais impactante e significativa.

Os autores referem que a promoção de autonomia está presente na possibilidade de poder de escolha e no controlo sobre os seus projetos possibilitando um sentido de domínio e motivação intrínseca. Ao permitirmos que os alunos escolham os tópicos, projetem e executem as suas próprias experiências, ou que escolham o método de demonstração das suas pesquisas e aprendizagens, podemos direcionar para um florescimento da participação e criatividade. “(...) *os alunos são responsáveis pela criação das questões e das atividades, assim como da natureza dos artefactos.*” (Blumenfeld et al., 1991, p. 371)¹⁶

A criação de um ambiente de aprendizagem colaborativa deve ter o objetivo de encorajar a colaboração via projetos de grupo que possibilitem a construção de uma comunidade de aprendizagem onde os alunos integrantes dessa comunidade se entreeajam. Quando os alunos trabalham juntos, partilham ideais e experiências, desafiam-se uns aos outros e aprendem e refletir sobre várias perspectivas que lhes foram apresentadas pelos colegas.

“Independentemente de o projeto ser desenvolvido por publicistas, professores, ou alunos, as atividades associadas a este devem ser desenhadas

¹⁵ Citação traduzida diretamente de “(...) Project-based learning also places students in realistic, contextualized problem-solving environments. In doing so, projects can serve to build bridges between phenomena in the classroom and real-life experiences; (...)”

¹⁶ Citação diretamente traduzida do artigo: “Students can be responsible for the creation of both the question and the activities, as well as the nature of the artifacts.”

*para serem interessantes e significativas para os aprendizes e promoverem um nível profundo dos conteúdos.*¹⁷ (Blumenfeld et al., 1991, p. 372)

Os autores apontam que estabelecer objetivos claros e alcançáveis e providenciar diretrizes estruturadas é essencial para que os alunos se mantenham focados e motivados. Desconstruir projetos extensivos e exaustivos em tarefas exequíveis com datas específicas de conclusão ajuda e faz com que o aluno se mantenha no caminho certo. Expectativas clarificadas promovem o foco na tarefa e garantem que os estudantes compreendam o que está a ser requerido para uma conclusão bem-sucedida do projeto. (Blumenfeld et al., 1991, p. 376)¹⁸

“(...) áreas de pesquisa incluem objetivos claros, providenciar oportunidades de feedback para motivar o trabalho contínuo e criar normas sociais para o trabalho de grupo.” (Blumenfeld et al., 1991, p. 376)¹⁹

É fundamental que a partilha de comentários, opiniões e reflexões regulares aconteça regularmente para que os alunos cresçam e beneficiem da aprendizagem com base em projetos. Comentários construtivos ajudam os alunos a melhorar o seu trabalho e as suas perceções dos seus pontos fortes e áreas a serem trabalhadas. Encorajar reflexões regulares permite que os alunos reflitam criticamente sobre o processo das suas aprendizagens e os seus resultados, promovendo uma emancipação mental e cognitiva. (Blumenfeld et al., 1991, p. 377)

“Trabalhar com os outros requer que os alunos sejam capazes de discutir ideias, comunicar percetivelmente, que considerem alternativas sistematicamente, moldem as suas próprias perceções, comparem pontos de

¹⁷ Citação traduzida diretamente de: “Whether the project is developed by publishers, teachers, or students, activities associated with these projects should be designed to be interesting and meaningful to learners and promote a deep level understanding of the content”

¹⁸ Citação traduzida diretamente de: “areas for research include goal setting, providing opportunities for feedback to encourage continuous work, and building social norms for group work.”

¹⁹ Citação traduzida diretamente de: “areas for research include goal setting, providing opportunities for feedback to encourage continuous work, and building social norms for group work.”

*vista com os dos demais e coloquem questões claras.*²⁰ (Blumenfeld et al., 1991, p. 377)

Motivar os alunos à utilização de tecnologias pode auxiliar a aprendizagem com base em projetos, no sentido em que os alunos passam a ter acesso a uma gama ampla de recursos e ferramentas. Desde pesquisa online, até a plataformas colaborativas, a tecnologia pode facilitar a comunicação, pesquisa, objetivação clara e a criação de projetos de alta qualidade. (Blumenfeld et al., 1991, p. 385)

“Bases de dados eletrônicas permitem aos alunos o acesso a uma quantidade vasta de informação facilmente atingível enquanto sentados ao computador”

²¹ (Blumenfeld et al., 1991, p. 385)

Com isto, os autores concluem que motivar os alunos à aprendizagem com base em projetos requer a combinação de fatores como relevância, autonomia, colaboração, objetivos claros, comentários e o uso efetivo de tecnologias. Ao criar um ambiente, de aprendizagem, prestativo e motivador, os professores podem inspirar os alunos a tomar iniciativas nas suas aprendizagens e desenvolver novas capacidades.

Learning with peers: From small group cooperation to collaborative communities

Blumenfeld, P. C., Marx, R. W., Soloway, E., & Krajcik, J., 1996

O artigo de Blumenfeld, et al., explora a evolução da aprendizagem por intermédio de trabalho dos alunos com os seus pares. Evidencia a transição desde a cooperação de pequenos grupos até a comunidades colaborativas mais extensas, enfatizando os benefícios e dinâmicas destes ambientes de aprendizagem.

Vários fatores influenciam a efetividade da aprendizagem por via de trabalhos de grupo e aprendizagem por pares, sendo esses fatores: composição dos grupos, estrutura das tarefas e os

²⁰ Citação traduzida diretamente de: “Working with others requires that students be able to discuss ideas, communicate clearly, consider alternatives systematically, monitor their own understanding, compare their point of view with that of others, and ask clear questions.”

²¹ Citação traduzida diretamente de: “Electronic data bases allow learners access to massive amounts of information that are easily obtainable while sitting at a personal computer”

papéis assinalados e distribuídos para cada membro do grupo. Para assegurar uma interdependência positiva e entajuda mútua entre os colegas, este método de aprendizagem, para ser efetivo, requer uma planificação cuidada, “(...)os professores terão de considerar os pressupostos da criação de um grupo de trabalho e tratar de potenciais problemas para possibilitar o sucesso do grupo.”²² (Blumenfeld, et al., 1996, p. 37)

Os autores discutem pressupostos e tipos diferentes de trabalhos de grupo por via de aprendizagem de pares no contexto escolar. Isto inclui os tradicionais grupos de aprendizagem cooperativa, onde os alunos trabalham em sintonia para alcançar um objetivo comum. Nem sempre mostra ser viável, e comunidades colaborativas mais integradoras promovem uma interação e a resolução de problemas de um modo mais profundo.

*“Quando os grupos criam um produto único e recebem a mesma nota, por vezes, os alunos não cumprem com a sua parte.”*²³ (Blumenfeld, et al., 1996, p. 38)

*“Os estudantes não se tornam, automaticamente, mais envolvidos, reflexivos, tolerantes ou responsáveis quando trabalham com outros.”*²⁴ (Blumenfeld, et al., 1996, p. 37)

No artigo, Blumenfeld, et al., está evidenciado que a aprendizagem por pares dentro do contexto de grupo, não só melhora as conquistas académicas, como também ajuda a que competências sociais e colaborativas sejam desenvolvidas. Os ambientes de aprendizagem

²² Citação traduzida diretamente de: “Teachers must consider the purposes in designing group work and address potential problems of process if group work is to be successful.”

²³ Citação traduzida diretamente de: “When groups create a single product and receive one grade, students sometimes do not do their fair share.”

²⁴ Citação traduzida diretamente de: “Students do not automatically become more involved, thoughtful, tolerant, or responsible when working with others.”

desafiam os alunos a participar ativamente nos trabalhos propostos, incentivam o pensamento crítico e a aprendizagem por meios extrínsecos, ou seja, vindo dos colegas para os colegas.

*“Estudos recentes retratam colaboração como o ponto chave para ajudar os estudantes na construção de conhecimento e a introduzi-los à linguagem disciplinar, valores e modos do conhecimento.”*²⁵ (Blumenfeld, et al., 1996, p. 39)

Novos desenvolvimentos na tecnologia têm emancipado, significativamente, esta tipologia de aprendizagem em grupo. Ferramentas auxiliares como software colaborativo e plataformas online facilitam a comunicação e a partilha de recursos, possibilitando que a experiência das aprendizagens seja mais dinâmica e interativa. (Blumenfeld, et al., 1996, p. 39)

Em suma, a mudança de pequenos grupos cooperativos para uma comunidade colaborativa representa um avanço significativo nas práticas educativas, apontando para a criação de experiências de aprendizagem mais desafiantes e efetivas para os alunos.

Conclui-se que os trabalhos de Slavin, Johnson & Johnson, Webb, Vygotsky e Blumenfeld, et al. (1991,1996), são fundamentais para o entendimento da aprendizagem cooperativa e colaborativa.

Johnson & Johnson trouxeram pensamentos valiosos sobre a teoria da coesão social e interdependência, enfatizando a importância dos laços sociais dentro do grupo.

Slavin destacou as quatro principais perspectivas teóricas que nos descrevem os efeitos da aprendizagem cooperativa no desempenho dos alunos.

Webb explica o paradigma do papel do professor, enfatizando a sua função como guia da aprendizagem.

Vygotsky expõe a interdependência entre aprendizagem e o desenvolvimento e fala sobre o conceito de Zona de Desenvolvimento proximal, isto é, a distância entre o nível de desenvolvimento e o nível do desenvolvimento potencial da criança.

²⁵ Citação traduzida diretamente de: “Recent research portrays collaboration as a key to help students construct knowledge and to introduce them to disciplinary language, values, and ways of knowing”

Blumennfaled, et al.(1991) explica a ideia de aprendizagem com base em tarefas e o seu impacto na autonomia nos estudantes.

Blumenfeld, et al. (1996) evidencia a importância do poder de aprendizagem com os pares e os benefícios que essa estratégia traz.

Todos os trabalhos salientam a complexidade deste fenómeno educacional, reconhecendo a interação entre fatores motivacionais, cognitivos e sociais. Em conjunto, os autores oferecem conceitos que formam uma base segura para a compreensão e implementação eficaz da aprendizagem cooperativa e colaborativa em contextos educacionais. Ao integrar estas perspetivas teóricas, os professores podem desenvolver abordagens mais eficazes para promover a motivação dos alunos, o desenvolvimento cognitivo e da autonomia e a realização académica através da colaboração e trabalho em equipa.

3.3 Oficina do violino e Aula de performance

Ao longo do percurso musical escolar, há momentos em que os professores e alunos necessitam de abordar certos conceitos ou visitar bases, relacionados com a técnica, sendo isto muitas vezes inexecutável dado à exigência da delimitação de horário e currículo.

Esta experiência vem testar um conceito de workshops de violino, Oficina do Violino e Aula de performance, que são jornadas dedicadas à aprendizagem e aperfeiçoamento técnico e interpretativo e ao fortalecimento individual das bases da técnica do violino e da interpretação musical, necessárias para dominar o instrumento. Estes workshops são cuidadosamente pensados e desenhados para que os professores possam ter mais espaço para acolher e proporcionar momentos de procura e reflexão, aos seus alunos violinistas de todos os níveis, desde iniciantes que procuram construir uma base técnica sólida até a estudantes mais avançados que ambicionam refinar as suas habilidades e explorar novas técnicas e conceitos.

O objetivo da Oficina do Violino e da Aula de Performance é proporcionar um ambiente enriquecedor onde os participantes possam, não só aprender e aprimorar técnicas essenciais, mas também rever os conceitos base da técnica e fortalecer os fundamentos da execução instrumental. Tenho presente que a base técnica é crucial para o desenvolvimento contínuo de

qualquer estudante e músico, e é por isso que proponho uma abordagem equilibrada entre novas aprendizagens e a revisão dos princípios básicos.

Cada sessão será conduzida pelos professores das suas respectivas classes, adotando um papel de guia ou mediador da sessão. Através de aulas práticas, demonstrações ao vivo, e sessões interativas, os participantes terão a oportunidade de explorar entre eles, com tutoria do professor, aspetos como postura, técnica de arco, técnica de mão esquerda, afinação, interpretação, ou qualquer outro conceito que o professor julgue ser pertinente ser trabalhado.

A missão destas aulas de grupo consiste em que o professor e os alunos, com base no trabalho colaborativo e participação ativa, alcancem novos patamares de excelência e percepção musical, proporcionando as ferramentas e o suporte necessários para a emancipação dos alunos, da classe à qual eles pertencem e, inevitavelmente, da escola onde estão inseridos.

3.3.1 Compromisso do professor e Responsabilidades dos alunos

Para que a Oficina do Violino e a Aula de Performance sejam experiências ricas, nos vários aspetos, para os professores e alunos, saliento que ambas as partes têm papéis e requisitos a cumprir dentro das próprias sessões. Com isto, recorro ao trabalho de Johnson & Johnson (1999) para delinear os papéis e compromissos dos professores e alunos, sugerindo uma adaptação dos conceitos, apresentados pelos autores, para o ensino do violino:

Compromisso do professor:²⁶

- Planificar e partilhar os objetivos - especificar os objetivos para a aula, o papel dos alunos, os materiais necessários à aula e a disposição da sala.
- Manifestar a importância da intervenção ativa e positiva de todos os integrantes da classe - o professor define o que vai ser aprendido ou revisto, ensina os conceitos e técnicas, especifica a importância da interdependência positiva e a responsabilidade individual, dá os critérios e ferramentas para o sucesso.

²⁶ Conceitos inspirados e adaptados do artigo: Making cooperative learning work, Johnson & Johnson, 1999

- Guiar a aprendizagem e interveniência dos alunos, ajudando na tarefa designada e maximizando as ferramentas sociais e de grupo - o professor deve observar e adquirir a informação de cada aluno durante o processo de trabalho e deverá intervir, quando necessário, para auxiliar os alunos a aprender os conceitos apresentados com precisão e a trabalharem colaborativamente.
- Avaliar a aprendizagem dos alunos e o funcionamento da classe - a aprendizagem dos alunos é cuidadosamente acompanhada e o seu desempenho avaliado, onde os membros da classe discutem a efetividade do seu contributo e da sua aprendizagem e como podem melhorar no futuro.

Responsabilidades dos alunos:²⁷

- Interdependência positiva – os alunos devem ter em mente que o sucesso é dependente da interligação entre todos e que todos são interdependentes do trabalho de cada um;
- Responsabilidade individual – cada aluno deve saber que é responsável pelo seu contributo e partilha dentro da classe, com o propósito de que, com o crescer do grupo, a emancipação individual acontece.
- Interação promocional presencial – os alunos devem promover o sucesso dos colegas pela ajuda individual. Isto pode incluir ferramentas como a explicação do problema e a partilha de uma possível solução para o mesmo, discussão dos conceitos aprendidos e partilha de experiências e maneiras aprendidas no passado em prol de resolução de obstáculos do presente.
- À vontade social – apesar de não ser garantido, para que a aprendizagem cooperativa aconteça de todos, entre todos e para todos, sem exceção, é necessário que todos os alunos tenham, à priori, noções de liderança, poder de decisão, confiança e saibam

²⁷ Conceitos inspirados e adaptados do artigo: Making cooperative learning work, Johnson & Johnson, 1999

gerir conflitos. Caso não seja o caso, o professor e os alunos devem auxiliar os integrantes da classe, que não preencham esses requisitos, a serem participantes ativos nas sessões, remetendo a ferramentas sociais que acharem pertinentes a serem utilizadas no momento.

- Procedimento de grupo – os alunos devem estar ativamente presentes na discussão da classe onde conceitos como o progresso e objetivos do grupo e o quão efetivos estão a ser e, também, comportamentos individuais benéficos e/ou prejudiciais para a dinâmica do conjunto são abordados.

3.3.2 Objetivos e atividades das sessões

Após estarem definidas as responsabilidades de cada pessoa presente e interveniente na sessão, resta planejar e colocar em prática as atividades estruturadas para estas sessões. As estratégias, sugeridas, utilizadas pelo professor e para os alunos, no que à Oficina do Violino diz respeito, serão a aula expositiva interativa e/ou discussão da técnica escolhida e modus operandi. A aula expositiva interativa baseia-se numa aula tradicional onde o professor tem um papel de introduzir e explicar a técnica a ser trabalhada. A discussão e modus operandi muda um pouco os papéis e desenrolar da sessão de grupo dado que todo o processo de trabalho, sobre a matéria a ser explorada, provirá dos alunos, tendo o professor a responsabilidade de guiar, mediar e problematizar quando necessário. Todo este processo deverá ser guiado e coordenado pelo professor, como está referido na descrição do compromisso do professor e deverão ter a intervenção de cada aluno, como está referido na descrição das responsabilidades dos alunos.

Sempre que o conceito de aula expositiva interativa for a estratégia optada, para a sessão, pelo professor, a sugestão do desenrolar e sucessão de acontecimentos, por ordem, a pôr em prática deverão ser: Exposição e explicação da técnica, Amostra de exercícios, Interação com os exercícios. Na exposição e explicação da técnica, o professor deverá dar a conhecer o nome desta, a sua contextualização e os seus conceitos. No segmento da amostra de exercícios, o professor deverá partilhar com os alunos como trabalhar a técnica escolhida e onde poderá ser utilizada. Por fim, na secção da interação com os exercícios, o professor deverá aliciar os alunos a experimentar o que lhes foi introduzido, primeiro individualmente, e depois em grupo. Poderá ser pertinente que os alunos comentem as experiências de cada colega para chegar a um consenso

das percepções, modos de operar e ferramentas a utilizar. Segue um exemplo do desenrolar da sessão:

1º - O professor introduz a técnica.

2º - O professor refere onde a técnica está presente no repertório violinístico.

3º - O professor mostra a técnica, tocando, e explica em que é que consiste.

4º - O professor partilha vários exercícios que possibilitem a aprendizagem dessa técnica.

5º - O professor convida os alunos a formar uma roda e pede a cada aluno, individualmente, para tentar executar os exercícios apresentados pelo professor.

6º - O professor e os alunos comentam o que viram e ouviram de cada aluno e referem aspetos a melhorar.

7º - O professor convida os alunos a tocar os exercícios em conjunto.

Outra estratégia a ser considerada é a discussão da técnica escolhida e *modus operandi*, especialmente se todos ou a maior parte dos alunos da classe já foram introduzidos e tiveram contacto com o conceito previamente. Esta estratégia consiste na escolha de uma técnica a ser discutida, onde o professor e os alunos sugerem um conceito de pertinência geral a ser escolhido para a sessão, discussão sobre o conceito da técnica, onde os alunos e o professor refletem sobre a constituição da técnica e sua fundação, debate sobre *modus operandi* individual. Segue um exemplo, hipotético, do desenrolar destes fenómenos:

1º - O professor e os alunos escolhem a técnica a ser abordada.

2º - Os alunos discutem, entre eles, os seus pareceres e saberes sobre a técnica escolhida.

3º - O professor intervém na discussão, caso seja necessário, como guia e problematizando para auxiliar a discussão de ideias.

4º- Abre-se o debate de modus operandi individual, ou seja, como cada aluno, individualmente, trabalharia para dominar a técnica em questão.

5º- Cada aluno exemplifica, tocando a técnica e exemplificando como a trabalharia individualmente, abrindo espaço para a intervenção dos colegas.

A Aula de performance, como o nome indica, é um conceito direcionado para questões de palco e repertório de concerto e o seu desenrolar tem como base o estilo Audição de classe. A sucessão de pontos pensados e postos em prática na Aula de Performance serão a performance dos alunos, comentário dos alunos, mini aula e comentário dos alunos após a mini aula. Na Performance dos alunos, estes irão apresentar, individualmente, repertório, ou partes de repertório, escolhido, previamente, pelo aluno em conjunto com o professor. Após a apresentação musical, abrir-se-á um espaço para os colegas comentarem a apresentação do aluno, referindo pontos positivos e pontos a serem trabalhados, onde os alunos sugerem exercícios a fazer ou visões a ter aquando do estudo individual. Comentários feitos, o professor fará uma miniaula, para que a classe veja e perceba como os exercícios e visões partilhados, até então, podem ser empregues no estudo individual do aluno em questão. A miniaula culminará com uma nova sessão de comentários para que os alunos comentem, não só a sua perceção do que observaram na mini aula, como também o seu veredito e o efeito que teve na performance do aluno.

O professor deverá guiar e coordenar a Aula de Performance, com os mesmos fundamentos de compromisso e responsabilidade colaborativa aplicadas na Oficina do Violino.

No final destas sessões, é aconselhável que haja momentos musicais onde cada aluno apresente, à classe, algo de teor mais técnico, isto é, escalas, estudos, alguma peça de Bach, entre outros, caso seja na Oficina do violino ou interpretativo, como peças, sonatas, concertos, entre outros, caso esteja inserido na Aula de performance, sendo pertinente utilizar, quando possível, os conceitos abordados, até então, no repertório apresentado para que os alunos compreendam como podem colocar em prática a nova informação no seu estudo e, também, para entenderem como o conceito trabalhado pode ser utilizado em diferentes situações e contextos.

3.3.3 Planificação

Dado que a Oficina do Violino e a Aula de Performance estão inseridas num paradigma escolar e pedagógico, o professor deverá organizar e planificar as sessões de grupo para providenciar a melhor experiência possível aos seus alunos.

Segue uma sugestão de planificação a utilizar, aquando do planeamento destas sessões, planificação essa que irei utilizar na organização das sessões de grupo no Conservatório de Música do Porto.

Oficina do Violino e Aula de performance		
(Nome do estabelecimento de ensino)		
Professor: (Nome)	Data: (??/??/????) Horário: (hora e tempo previsto)	Sala: (nome ou número da sala)
Alunos: (nome dos alunos integrantes)		
Compromisso do professor: Planificar e partilhar os objetivos Manifestar a importância da intervenção ativa e positiva de todos os integrantes da classe Guiar a aprendizagem e intervir dos alunos, ajudando na tarefa designada e maximizando as ferramentas sociais e de grupo Avaliar a aprendizagem dos alunos e o funcionamento da classe.		
Responsabilidade dos alunos: Interdependência positiva Responsabilidade individual Interação promocional presencial À vontade social Processamento de grupo		

Oficina do Violino:

Aula expositiva ()

Discussão e modus operandi ()

() Assinalar a opção escolhida

Planificação:

Oficina do Violino

1. Caso seja uma aula expositiva

(tópicos chave)

- Introdução da técnica
- Contextualização da técnica
- Explicação e desconstrução da técnica
- Exercícios a ter em conta
- Experimentação dos alunos
- Comentários dos alunos para os alunos
- Pequena demonstração técnica seguida de feedback da classe.

2. Caso seja discussão aberta e modus operandi

(tópicos chave)

- Escolha da técnica
- Discussão dos fundamentos da técnica
- Debate entre os alunos sobre exercícios e maneiras de trabalhar a técnica
- Demonstração, dos alunos, da técnica e como trabalhá-la
- Feedback dos intervenientes da sessão

Aula de performance

- Performance dos alunos, individual, de repertório escolhido, previamente, por eles com ajuda do professor.
- Comentário dos alunos alusivo à apresentação musical que presenciaram do colega, referindo, tanto pontos positivos e pontos a serem trabalhados, como possíveis soluções e exercícios a serem testados para o alcance da superação das lacunas apontadas.

-Aplicação, dos comentários e exercícios partilhados, numa mini aula guiada pelo professor.

-Nova sessão de comentários

-Repetição dos pontos apresentados, anteriormente, para todos os alunos.

Reflexão:

(espaço para o resumo e reflexão da sessão, coisas a reter, a modificar, a melhorar, previsões de matéria a ser abordada no futuro, etc.)

3.3.4 Sessões de grupo no Conservatório de Música do Porto

Procedendo ao teste deste conceito de aulas de grupo, foram marcadas duas sessões de grupo, no Conservatório de Música do Porto, com alunos das professoras cooperantes que me acompanharam ao longo da Prática de Ensino Supervisionada. Para que essas sessões ocorressem, foi reservada a Sala de Orquestra, nas instalações do Conservatório de Música do Porto, nos dias 1 e 8 de junho das 14:00 às 16:00. Foi também enviado um convite, via email, para os encarregados de educação dos alunos das professoras cooperantes, seguido de um formulário de inscrição online (formulário Google Forms).

3.3.4.1 Convite e inscrição

O convite enviado e que se reproduz de seguida serviu para dar o conhecimento aos encarregados de educação sobre as sessões de grupo e o seu objetivo e para convidar os seus filhos a participar nestas sessões. Um formulário de inscrição online, google forms, serviu para efeitos de inscrição, e retenção de informação como: Nome do/a Encarregado/a de educação, Nome do/a Filho/a, Contacto Telefónico. Posteriormente e finalizadas as inscrições, foi criado um grupo de WhatsApp para efeitos informativos e comunicativos entre mim e os encarregados de educação. Inscreveram-se 3 alunos com idades entre os 12 e 14 anos.

Convite:

Guilherme Bispo Jerónimo
Estagiário no Conservatório de Música do Porto
4210040@esmae.ipp.pt

Caro(a) Encarregado(a) de Educação,

Espero que esta carta o(a) encontre bem. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para convidar o seu/sua encarregando/a a participar em 3 sessões de grupo dirigidas, chamadas “Oficina de Performance”, que serão realizadas no Conservatório de Música do Porto nos dias 1 e 8 de Junho das 14:30 às 16:00. Sala ainda por definir.

As aulas de grupo dirigidas serão uma excelente oportunidade para os alunos desenvolverem as suas capacidades e habilidades musicais num ambiente colaborativo e motivador e serão divididas em duas partes:

Na primeira parte será feita uma sessão de exploração de uma técnica do violino onde vai ser aberto um espaço de partilha e colaboração para, entre todos, percebermos o conceito da técnica apresentada o melhor possível.

Na segunda parte abrir-se-á uma sessão estilo “Masterclasse” onde os alunos vão tocar algo, decidido em conjunto com o professor de violino, para os participantes das sessões, onde, seguido do momento musical, serão os participantes das sessões que irão comentar e ajudar cada aluno a trabalhar alguns aspetos pertinentes na performance dos colegas.

Durante as aulas eu, como instrutor, irei fornecer orientação individualizada, bem como criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e estimulante para todos os participantes. Os temas abordados nas aulas serão cuidadosamente selecionados para atender às necessidades e interesses dos alunos, visando o seu desenvolvimento académico, social e emocional.

Além disso, as aulas de grupo dirigidas proporcionam uma oportunidade única para os encarregados de educação se envolverem com o processo educacional dos seus filhos,

permitindo uma compreensão mais profunda de seus desafios e conquistas, dado que as sessões estarão abertas para os encarregados assistirem.

Dois aspetos importantes das sessões:

1º - os alunos iram responder a um questionário anónimo antes do início da primeira sessão e depois do término da segunda sessão para perceber a percepção dos alunos do antes e depois das sessões.

2º - Os nomes ou informação dos alunos será mantida em anonimato na recolha e análise dos questionários e na análise das sessões.

Portanto, gostaria muito de contar com a presença do seu encarregando nas sessões de grupo dirigidas.

Se estiver interessado em que o seu/sua filho/a participe ou tiver alguma dúvida, não hesite em entrar em contacto comigo pelo meu contacto telefónico - 935300487, ou por email em gui.bj98@gmail.com. Terei o maior prazer em fornecer mais informações e esclarecer quaisquer dúvidas que você possa ter.

Agradeço antecipadamente pelo seu interesse e apoio contínuo à educação dos nossos alunos.

Atenciosamente,

Guilherme Bispo Jerónimo

Estagiário de Violino

Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo

3.3.4.2 Planificação e reflexão

Começadas as sessões de grupo, foram feitas planificações para cada sessão, onde estavam presentes tópicos como a técnica a abordar, exercícios e atividades a fazer e desenrolar da sessão. No final de cada sessão, foi feita uma reflexão, expondo os pontos importantes das sessões.

Planificação e reflexão de dia 1 de junho:

Oficina do Violino e Aula de Performance		
Conservatório de Música do Porto		
Professor: Guilherme Bispo Jerónimo	Data: 01-06-2025 Horário: 14.30 – 16:00	Sala: Sala de Orquestra
Alunos: Alunos A, B e C		
<u>Compromisso do professor:</u> Planificar e partilhar os objetivos Manifestar a importância da intervenção ativa e positiva de todos os integrantes da classe Guiar a aprendizagem e intervir nos alunos, ajudando na tarefa designada e maximizando as ferramentas sociais e de grupo Avaliar a aprendizagem dos alunos e o funcionamento da classe		
<u>Responsabilidade dos alunos:</u> Interdependência positiva Responsabilidade individual Interação promocional presencial À vontade social Processamento de grupo		
Aula expositiva (v)		
Discussão e modus operandi ()		

Planificação:

Oficina do Violino (40 min)

Introdução da técnica

-Martelé

Contextualização da técnica:

Técnica de golpe do arco muito articulado

Explicação e desconstrução da técnica:

Uso do dedo indicador para o controlo do início da arcada

Sentir a corda a mexer antes de tocar, pressionando o dedo indicador no arco, aliviando após o início da arcada.

Exercícios a ter em conta:

Arco para baixo - colocar o arco na corda, pressionar com o indicador e fazer uma arcada até à ponta do arco.

Arco para cima - colocar o arco na corda, pressionar com o indicador e fazer uma arcada até ao talão do arco.

Pressionar três vezes na corda com o indicador, como se fosse um martelo, onde a terceira vez tocam uma arcada – arco para cima e para baixo

Experimentação dos alunos

Convidar os alunos a experimentar os exercícios em cordas soltas, e, seguidamente, na escala de Sol maior.

Comentários dos alunos para os alunos

Convidar os alunos a fazer uma roda, onde cada aluno toca à vez e os restantes alunos dão feedback daquilo que ouviram e viram

Pequena demonstração técnica seguida de feedback da classe.

Depois do intervalo (10 min)

Aula de performance (40 min)

Convidar os alunos a tocar uma peça para os colegas intercalada com feedback.

IMPORTANTE

No feedback, devem estar presentes dois pontos positivos e um ponto negativo seguido da sugestão de exercícios para colmatar as lacunas apontadas.

Reflexão:

A aula começou com apresentações, primeiro minha e depois dos alunos.

Expliquei aos alunos o que iríamos fazer nesta sessão e evidenciei que era um espaço amigo para proporcionar que eles estivessem à vontade.

Escolhi a técnica *Martelé* para trabalharmos o bom uso da mão direita e do arco, dado que, ao longo do estágio, vi muitos alunos que, na minha opinião, tinham um conceito de som pouco eficaz para o nível exigido.

Depois de explicar como fazer a técnica pedi para os alunos me imitarem, à vez, para que eu percebesse não só o seu tempo de resposta da introdução da nova técnica, mas também o domínio do instrumento. Fiquei impressionado dado que todos, sem exceção perceberam muito bem e rápido o que fazer.

De seguida, passamos a fazer a roda dos alunos, onde cada aluno tocava a escala de Sol Maior e recebia feedback dos colegas.

Experimentei, primeiro, deixá-los fazer uma vez para perceber a sua reação e interação. Ao início, o objetivo da roda não foi muito claro para eles, por isso, voltei a explicar por outras palavras para que eles entendessem o que estava a ser sugerido, coisa que ajudou bastante e que fez com que os alunos ficassem com uma ideia clara do que era para fazer. A segunda ronda já foi muito mais produtiva e colaborativa.

Para terminar a oficina do violino, tocamos todos a escala em Sol maior, numa oitava, em *Martelé* e seguimos para o intervalo.

Para começar a Aula de Performance, comecei por explicar o conceito e convidei os alunos a tocar para os colegas. Fiquei impressionado por todos eles quererem tocar e estarem entusiasmados em fazê-lo, o que é um ponto muito positivo, na minha opinião.

Após cada aluno tocar, guiei os colegas nos comentários a serem feitos. Pedi que dissessem dois pontos positivos daquilo que haviam ouvido e que referissem um ponto a trabalhar e que dessem exercícios para melhorar esse ponto.

O feedback, no geral, foi positivo, no entanto, quando os exercícios foram dados pelos alunos, estes não tinham grande perspicácia para partilhar ou inventar exercícios que auxiliassem os colegas, o que faz com que estas sessões sejam pertinentes, em colaboração com as aulas de violino.

No final, pedi aos alunos que escolhessem a técnica para discutir na sessão seguinte, onde eles escolheram mudanças de posição.

Planificação e reflexão de dia 8 de junho:

Oficina do Violino e Aula de Performance		
Conservatório de Música do Porto		
Professor: Guilherme Bispo Jerónimo	Data: 08-06-2025 Horário: 14.30 – 16:00	Sala: Sala de Orquestra
Alunos: Alunos A, B e C		
<u>Compromisso do professor:</u> Planificar e partilhar os objetivos . Manifestar a importância da intervenção ativa e positiva de todos os integrantes da classe. Guiar a aprendizagem e intervir dos alunos, ajudando na tarefa designada e maximizando as ferramentas sociais e de grupo. Avaliar a aprendizagem dos alunos e o funcionamento da classe.		

Responsabilidade dos alunos:

Interdependência positiva

Responsabilidade individual

Interação promocional presencial

À vontade social

Processamento de grupo

Aula expositiva ()

Discussão e modus operandi (v)

Planificação:

Oficina do Violino (40 min)

Escolha da técnica - Mudanças de posição

Discussão dos fundamentos da técnica:

Perceber e discutir, a perceção dos alunos sobre os fundamentos das mudanças de posição

Debate entre os alunos sobre exercícios e maneiras de trabalhar a técnica escolhida:

Ver e debater os exercícios que os alunos vão expor seguido da demonstração dos mesmos.

Partilha feedback pelos intervenientes da sessão.

Intervalo (10 min)

Aula de performance (40 min)

Convidar os alunos a tocar uma peça para os colegas intercalada com a partilha feedback.

IMPORTANTE

No feedback, devem estar presentes dois pontos positivos e um ponto negativo seguido da partilha de exercícios para colmatar as lacunas apontadas.

Reflexão:

A sessão começou dez minutos mais tarde, dado que um dos alunos chegou atrasado e era importante todos estarmos presentes para experimentar a segunda versão da Oficina do Violino, discussão e modus operandi.

Estando todos presentes, começámos a discussão acerca das mudanças de posição e sobre o que eles entendiam e sabiam sobre a técnica.

Primeiro, comecei por pedir-lhes que me dessem uma definição, pelas suas próprias palavras, sobre a técnica. Para eles esta tarefa não é fácil nem óbvia, portanto, optei por ouvir o que eles tinham a dizer sobre mudanças de posição e, no fim, juntei a informação e reformulei as suas palavras para formar uma nova definição, mais simples e concreta.

Em seguida, pedi-lhes para referirem uma ou várias partes do corpo importantes para uma boa execução de mudanças de posição. Este tópico já foi mais fluído. No entanto, precisaram de tempo para refletir até me darem uma resposta. Ainda assim, senti necessidade de reformular aquilo que eles me haviam dito para que ficasse mais simples e explícito para todos.

Depois do tema das partes do corpo, achei pertinente que eles partilhassem com o grupo exercícios possíveis para estudar mudanças de posição, onde eles, unanimemente, referiram exercícios que a professora deles lhes tinha ensinado até então. Não satisfeito, pedi-lhes, novamente, que me partilhassem exercícios, agora inventados por eles, inventando situações para que eles dissessem como trabalhariam esta técnica.

Foi um processo difícil para eles, contudo, pouco a pouco, conseguiram desbloquear a imaginação para inventar exercícios para resolver questões específicas. Salientei que aos

exercícios que os professores dão podem sempre ser adicionados mais exercícios para tornar o estudo mais produtivo e profundo.

Antes do intervalo, utilizei os comentários deles para fazer uma síntese de exercícios a fazer e adicionei um transmitido por mim para que eles pudessem experimentar em casa.

Após o intervalo, demos início à Aula de Performance.

Desta vez, o processo foi muito mais produtivo. O facto de os alunos saberem o que lhes era requerido fez com que eles tivessem uma audição da apresentação dos colegas muito mais ágil e pertinente.

Não só no espaço de comentários, como também na mini aula, os alunos tomaram muito mais a iniciativa e estavam ativamente participativos, mostrando vontade de comentar e auxiliar o colega.

A aula culminou com uma conversa sobre os conceitos da Oficina do violino e Aula de performance, onde eles referiram o impacto que estas sessões tiveram neles, na sua motivação e sua atitude colaborativa. O feedback que eles teceram foi muito pertinente, inspirador, promissor e importante para a minha noção da função e missão destas sessões de grupo

3.3.4.3 Recolha de Dados e Parecer dos alunos inscritos

Para os efeitos de recolha de dados e análise do parecer dos três alunos participantes nas sessões de grupo foram criados dois questionários por inquérito e foram feitas várias perguntas, no final da segunda sessão, para recolher informações sobre o impacto que estas sessões tiveram nos participantes, não só na sua atualidade, como também no seu futuro.

Os questionários, realizados através de inquérito anónimo, serviram para que os alunos partilhassem as suas ideias e pensamentos sobre as aulas de grupo, respondendo a perguntas curtas e simples, antes de estas acontecerem e a mudança dos seus paradigmas e visões após integrarem as sessões.

O primeiro questionário denominou-se como “Aulas de grupo de violino”, sendo que a descrição expunha que “Este questionário serve para saber a tua opinião sobre aulas de grupo de

violino.” Foi composto pelas seguintes perguntas com as respectivas respostas possíveis, todas elas de resposta fechadas e estará presente, abaixo de cada questão, as respostas dos inquiridos:

- Já participaste em aulas de grupo de violino?
 - Sim
 - Não

Todos os inquiridos assinalaram a resposta “Sim”.

- Com que frequência participas em aulas de grupo?
 - Frequentemente
 - Ocasionalmente
 - Raramente
 - Nunca

Cada inquirido assinalou uma resposta diferente onde um aluno respondeu “frequentemente”, o segundo respondeu “Ocasionalmente” e o terceiro respondeu “Raramente”.

- Na tua opinião, qual é a maior vantagem das aulas de grupo?
 - Maior interação com os colegas
 - Troca de conhecimentos e experiências
 - Suporte mútuo
 - Melhoria na comunicação e habilidades sociais

A resposta a esta pergunta foi unânime entre os inquiridos, sendo que assinalaram como maior vantagem a opção “Maior interação com os colegas”.

- Achas que as aulas de grupo ajudam a consolidar as coisas que já aprendeste?
 - Sim, muito
 - Sim, de certa forma
 - Não, não muito
 - Não

Nesta questão, houve diferentes respostas, porém não se mostraram díspares, isto é, um inquirido assinalou a resposta “Sim, muito”, enquanto os outros dois inquiridos assinalaram a resposta “Sim, de certa forma”.

- Sentes que aprendes melhor em grupo ou individualmente?
 - Em grupo
 - Individualmente
 - Ambos

Esta questão teve um resultado curioso, dado que dois inquiridos responderam que aprendem melhor “Individualmente”, ao passo que o terceiro inquirido respondeu “em grupo”.

- As aulas de grupo ajudam-te a identificar as tuas próprias dúvida e dificuldades?
 - Sim
 - Não

Aqui, a maioria das respostas que foram assinaladas são “Sim”, com um inquirido a responder “Não”.

- Sentes-te mais motivado a estudar em grupo ou sozinho?
 - Em grupo
 - Sozinho
 - Ambos

Nesta parte houve, novamente, resultados interessantes, dado que, um inquirido respondeu que se sente mais motivado a estudar violino individualmente e os restantes inquiridos referiram que se sentem mais motivados a estudar em grupo.

- Sentes-te mais motivado a estudar violino depois das aulas de grupo ou das aulas individuais?
 - Em grupo
 - Individuais
 - Ambos

Esta parte mostra ser consequência das respostas da questão anterior, dado que, um inquirido respondeu que se sente mais motivado a estudar violino após as aulas individuais e os restantes inquiridos referem que se sentem mais motivados depois de terem aulas de grupo.

- Acreditas que podes ajudar mais os teus colegas em aulas de grupo?
 - Sim
 - Não

Aqui, dois inquiridos responderam “Sim”, e o terceiro respondeu “Não”.

- Acreditas que podes ajudar mais os teus colegas se tiverem aulas de grupo?
 - Sim
 - Não

Mais uma vez dois inquiridos responderam “Sim”, e o terceiro respondeu “Não”.

- Ajudar os teus colegas em aulas de grupo melhora a tua própria compreensão do material?
 - Sim
 - Não

As respostas foram unânimes, sendo que todos os inquiridos assinalaram a opção “Sim”.

- As aulas de grupo ajudam a desenvolver habilidades de trabalho de equipa?
 - Sim
 - Não

Mais uma vez as respostas coincidiram, dado que os inquiridos assinalaram a opção “Sim”.

- Sentes-te mais confiante ao participar em discussões de grupo?
 - Sim
 - Não

As respostas revelam que um dos inquiridos sentem-se mais confiantes na participação de discussões de grupo, contudo o terceiro respondeu negativamente a este fator.

- Sentes-te menos confiante ao participar em discussões de grupo?
 - Sim
 - Não

Mais uma vez, as respostas vêm confirmar o que foi dito anteriormente, dado que dois dos inquiridos revelaram que não se sentem menos confiantes em discussões em aulas de grupo, ao passo que o terceiro se diz menos confiante.

- Preferes aulas de grupo ou aulas expositivas (onde o professor é o único que fala)?
 - Aulas de grupo
 - Aulas expositivas
 - Ambas

As respostas revelam resultados interessantes onde dois inquiridos assinalaram a opção “Aulas de grupo” e o restante inquirido assinalou a resposta “Aulas expositivas”.

- As aulas de grupo ajudam-te a desenvolver habilidades de comunicação?
 - Sim
 - Não

As respostas foram unânimes, novamente, sendo que os inquiridos assinalaram a opção “Sim”.

- Acreditas que as aulas de grupo são essenciais para a aprendizagem ativa?
 - Sim
 - Não

Aqui os inquiridos mostram a importância das aulas de grupo na aprendizagem, dado que, dois inquiridos assinalaram a opção “Sim” e o terceiro a opção “Não”.

- Achas que as aulas de grupo de violino devem ser uma prática regular nas escolas de música?
 - Sim
 - Não
 - Talvez

Nesta questão, os inquiridos partilham uma opinião positiva na implementação de aulas de grupo como uma prática regular, dado que, dois inquiridos assinalaram a opção “Sim”, o terceiro assinalou a resposta “Talvez”, contudo nenhum participante assinalou a opção “Não”.

- Sentes-te mais motivado nas aulas de grupo em comparação com as aulas tradicionais?
 - Sim
 - Não

Aqui, dois inquiridos revelam sentir-se mais motivados em aulas de grupo, sendo que o terceiro referiu que se sente mais motivado em aulas individuais.

- Achas que as aulas de grupo promovem um ambiente de aprendizagem mais inclusivo?
 - Sim
 - Não

As respostas à pergunta revelam que um inquirido sente que as aulas de grupo não promovem uma aprendizagem mais inclusiva, enquanto os restantes assinalaram a opção “Sim”.

- Na tua opinião, qual é a maior desvantagem das aulas de grupo?
 - Dificuldade de concentração
 - Desigualdade na participação dos membros
 - Conflitos de personalidade
 - Logística e organização

Na última questão, dois inquiridos referiram que a maior desvantagem de aulas de grupo é a dificuldade de concentração e o terceiro inquirido enfatiza a “Logística e organização” como sendo as maiores desvantagens.

O segundo questionário denominou-se “Oficina do violino e Aula de performance”, sendo a descrição: “Agora que já tiveste a oportunidade de participar nestas aulas de grupo, responde a umas breves perguntas sobre elas”. Foi composto pelas seguintes perguntas com as respetivas respostas possíveis, maioritariamente de resposta fechada, sendo duas das perguntas de resposta aberta. Serão apresentadas também, abaixo das questões respetivas, as respostas dos inquiridos.

- Como classificarias a tua experiência nas aulas de grupo?
 - Muito boa
 - Boa
 - Neutra
 - Má
 - Muito má

Dois participantes assinalaram a opção “Muito boa” sendo que o terceiro assinalou a opção “Boa”.

- O que gostaste mais nas aulas de grupo?
 - O que aprendi
 - As atividades que fizemos

- A interação com os colegas
- A forma de explicar do professor

Dois dos inquiridos referiram que a “Interação com os colegas” foi o fator que gostaram mais nas sessões de grupo, sendo que o terceiro inquirido assinalou opção “As atividades que fizemos”.

- O que gostaste menos nas aulas de grupo?
 - O que aprendi
 - As atividades que fizemos
 - A interação com os colegas
 - A forma de explicar do professor
 - Não tenho nada que não tivesse gostado

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Não tenho nada que não tivesse gostado”.

- Sentiste que tiveste oportunidade suficiente para participar e expressar as tuas ideias durante as aulas de grupo?
 - Sim, sempre
 - Sim, na maioria das vezes
 - Às vezes
 - Sim, mas pouco
 - Não

Dois participantes assinalaram a opção “Sim, sempre”, sendo que o terceiro assinalou a opção “Sim, na maioria das vezes”.

- Achaste as atividades bem distribuídas e organizadas?
 - Sim
 - Não

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Sim”.

- As aulas de grupo ajudaram-te a entender melhor o conteúdo que trabalharam?
 - Sim
 - Não

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Sim”.

- Como avaliarias a preparação e organização do professor para as aulas de grupo?
 - Excelente
 - Muito boa
 - Boa
 - Suficiente
 - Insuficiente
 - Péssima

Dois participantes assinalaram a opção “Excelente”, sendo que o terceiro assinalou a opção “Boa”.

- O professor incentivou a colaboração e o trabalho em equipa durante as aulas de grupo?
 - Sim, sempre
 - Sim, na maioria das vezes
 - Sim, mas pouco
 - Não

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Sim, sempre”.

- Gostarias de participar em mais aulas de grupo como estas no futuro?
 - Sim
 - Não
 - Talvez

Dois participantes assinalaram a opção “Sim”, sendo que o terceiro assinalou a opção “Talvez”.

- Tens alguma sugestão para melhorar as aulas de grupo?
 - (resposta aberta)

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Não”, sendo que um dos participantes respondeu: “Gostei muito do professor, não tem nada a melhorar”.

- Sentiste que as aulas de grupo contribuíram para a tua aprendizagem de maneira significativa?
 - Sim, muito
 - Sim, um pouco
 - Não muito
 - Não

Dois participantes assinalaram a opção “Sim, muito”, sendo que o terceiro assinalou a opção “Sim, um pouco”.

- Achas que as aulas de grupo te motivam mais a estudar violino?
 - Sim, muito
 - Sim, um pouco
 - Talvez
 - Não

Dois participantes assinalaram a opção “Sim, um pouco”, sendo que o terceiro assinalou a opção “Sim, muito”.

- Gostaste de aprender com os teus colegas?
 - Sim
 - Não

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Sim”.

- Gostaste de ensinar e ajudar os teus colegas?
 - Sim
 - Não

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Sim”.

- Achas que estas aulas de grupo te ajudariam a compreender melhor o violino?
 - Sim
 - Não
 - Talvez

Dois participantes assinalaram a opção “Sim”, sendo que o terceiro assinalou a opção “Talvez”.

- Achas que estas aulas de grupo te ajudariam a aprender mais sobre tocar violino?
 - Sim
 - Não

Os inquiridos responderam unanimemente na opção “Sim”.

- Gostarias de adicionar algum comentário ou feedback adicional sobre as aulas de grupo?
 - (resposta aberta)

Um dos inquiridos respondeu: “Não”. Um outro inquirido respondeu: “Muito bem, mas deve apenas ter 4 pessoas”. O terceiro inquirido respondeu: “Muito obrigado por tudo professor.”

No final da segunda sessão de Oficina de Violino e Aula de Performance, foi pedido aos alunos para gravar uma conversa onde eu, como tutor, lhes faria perguntas onde eles responderiam com a sua opinião e experiência obtida em ambas as sessões. Para manter o anonimato, os participantes serão referidos como Participante A, Participante B e Participante C.

Conversa:

Tutor: “Nestas duas sessões fizemos duas oficinas do violino, onde trabalhamos questões mais técnicas, e duas aulas de performance, parte onde nós vimos alguém a tocar, comentamos e vemos os comentários a ser aplicados.”

Pergunta:

“Vocês viram diferenças notórias, depois de terem comentado sobre o tocar dos vossos colegas?”

Participante A: *“Sim, muito.”*

Participante B: *“Às vezes conseguiram-se notar, mas outras vezes acho que era preciso mais vezes para se notar.”*

Tutor: *“Ou seja, às vezes não é tão fácil pôr logo em prática. É isso?”*

Participante B: *“Sim.”*

Participante C: *“Sim e agora como sabemos o que melhorar e o que está bem, quando nós formos para casa já sabemos como melhorar.”*

Pergunta:

“Então agora falando da primeira sessão da oficina do violino, a primeira sessão foi mais expositiva, ou seja, o tutor a mostrar-vos uma técnica nova e a partilhar os seus fundamentos, como trabalhar a técnica e a amostra de exercícios. O que é que acharam?”

Participante B: *“Eu posso primeiro dizer uma coisa? Eu acho que na primeira oficina mostrou-nos a técnica e depois, já na segunda oficina do violino, nós conseguimos aplicar a técnica e acho que correu melhor e acho que foi uma boa experiência.”*

Tutor: *“Então apesar de aquilo que aprendemos ser muito novo e verde, já conseguiram encontrar sítios onde poderiam aplicar a nova técnica, é isso?”*

Todos: *“Sim.”*

Participante A: *“Quando nos apresentamos uns aos outros, dava para ver que o professor queria mesmo ajudar-nos a aprender as novas técnicas e mesmo que eu já as soubesse o professor ajudou-me a melhorar, tipo eu podia já ter aprendido, mas agora aprendi de volta e por isso é melhor.”*

Tutor: *“Ou seja, voltaste às bases da técnica e isso fez com que tu pudesses solidificar a técnica, é isso?”*

Participante A: *“Sim.”*

Participante C: *“Eu achei a primeira sessão da oficina do violino interessante porque aprendemos uma nova técnica, o que é sempre fixe, e assim podemos usar quando tocamos.”*

Pergunta:

“Foi fácil ensinar os vossos colegas?”

Participante A, B e C: *“Não.”*

Pergunta:

“Então e depois de eu vos ter guiado no processo de como ensinar alguém, já foi mais fácil?”

Participante A, B e C: *“Sim muito mais fácil.”*

Tutor: *“Ou seja, em vez de ser eu a ensinar-vos, o facto de ter meramente guiado o processo fez com que a experiência tenha sido mais fácil de executar, certo?”*

Participante A, B e C: *“Sim.”*

Participante B: *“Na primeira sessão, o professor disse-nos a técnica e depois passando para a segunda parte da primeira sessão nós ensinámo-nos uns aos outros e acho que teve coisas boas e muito positivas e o professor ajudou-nos e agora acho que nesta segunda sessão conseguimos chegar lá sem a ajuda do professor. Foi estranho estarmos a ensinar os colegas, não sabíamos como aplicar a informação, mas agora na segunda sessão foi mais fácil ensinarmos os colegas e saber como aplicar as coisas.”*

Pergunta:

“Então falando das aulas de performance, o que acharam deste conceito introduzido, tendo vocês que comentar o tocar dos colegas?”

Participante A: *“Então eu acho que aqui, principalmente, os alunos eram os que davam explicações, que acho que era uma fraqueza, para melhorar o tocar dos nossos colegas e que os próprios professores nos tinham transmitido e agora lembramo-nos que era bom dizer para ajudar os nossos colegas.”*

Tutor: *“Ou seja, utilizaram a informação que vos foi passada para ajudar os colegas, é isso?”*

Participante A: *“Sim.”*

Participante C: *“Ao início, para mim, ainda era um pouco difícil ver o que era preciso melhorar num colega, mas agora já consigo ver melhor.”*

Tutor: *“Ou seja, depois de teres uma ideia clara do que tinhas de fazer na aula de performance, já foi mais fácil transmitir ideias e comentários?”*

Participante C: *“Sim.”*

Pergunta:

“O que acharam do conceito a oficina do violino hoje, dado que foi uma discussão e modus operandi de uma técnica?”

Participante C: *“Falar sobre a técnica ajudou-me mais a percebê-la porque é uma coisa que eu preciso de melhorar.”*

Tutor: *“Ou seja, refletir sobre o que já sabemos ajuda a aprofundar-mos mais essa matéria, e, querendo dizer com isso que voltar às bases é importante, é isso?”*

Participante C: *“Sim.”*

Participante B: *“Quando estávamos a discutir, o professor perguntou-nos quais eram as partes do corpo importantes para fazer mudanças de posição e discutimos sobre elas, e essa discussão facilitou os exercícios que fizemos e partilhamos a seguir porque já sabíamos quais as partes onde nos tínhamos de focar.”*

Participante A: *“Agora que discutimos a técnica, eu posso utilizar as dicas que os meus colegas disseram para experimentar e treinar em casa.”*

Tutor: *“Então para além do conhecimento que a professora vos transmitiu, vão também experimentar o que foi transmitido por todos, nestas sessões, para tentar melhorar e tocar melhor violino, é isso?”*

Participantes A, B e C: *“Sim.”*

Pergunta:

“O que acharam da segunda sessão de aula de performance, onde já sabiam o que tínhamos de fazer?”

Participante B: *“Como nós já sabíamos o que tínhamos de fazer, o processo foi muito mais fácil, apesar de, por vezes, precisarmos da ajuda do professor.”*

Participante C: *“Eu gostei mais desta aula, achei mais produtiva e consegui melhorar mais coisas desde a sessão passada até agora.”*

Participante A: *“Deu para ver, nos colegas, as coisas que foram ditas, na sessão anterior, a serem postas em prática e melhoradas, nesta sessão, e vimos o progresso dos colegas no espaço de uma semana.”*

Pergunta:

“Açam que melhorariam a vossa aprendizagem do violino se estas aulas acontecessem com mais regularidade?”

Participantes A, B e C: *“Sim.”*

Pergunta:

“Sentem-se mais motivados a tocar violino depois destas aulas?”

Participantes A, B e C: *“Sim.”*

Participante A: *“É bom sabermos as visões dos nossos colegas para adicionar às nossas.”*

Participante B: *“Quando estamos entre colegas é mais motivador estudar violino. E foi bom que o professor referisse que não havia comentários errados, para nos sentirmos à vontade para comentar e dizer a nossa opinião.”*

Tutor: *“Então aquilo que disseste, a meu ver, foi que estas aulas permitem mais espaço para experimentar, discutir e refletir, é isso?”*

Participante B: *“Sim.”*

Participante C: *“Eu concordo com Participante B, acho que estas sessões são mais leves.”*

Pergunta:

“Vocês gostariam de ter estas sessões com o objetivo de complementar as aulas de violino? E com que recorrência gostariam de ter estas aulas.”

Participante B: *“Sim, mas com a oportunidade de participação e aprendizagem que tivemos nestas sessões que fizemos. Preferia que fossem sessões mensais.”*

Participante C: *“Sim gostava, acho que ajudou mais do que só ter aula de violino. Acho que gostava de ter estas sessões mensalmente também.”*

Participante A: *“Sim, eu preferia que estas sessões fossem mensalmente.”*

Pergunta:

“Açam que o trabalho colaborativo, que existiu nas sessões, vai ter, em vocês, repercussões futuras? Ou seja, já vão tentar ser mais colaborativos e atentos aos vossos colegas quando sentirem que os podem ajudar com o vosso conhecimento?”

Participantes A, B e C: *“Sim.”*

Participantes B: *“Aqui é como se fosse o treino, nós treinamos nas sessões para depois sermos colaborativos lá fora.”*

3.3.5 Conclusão

O objetivo deste projeto de investigação foi propor, testar e perceber os resultados dos conceitos Oficina do Violino e Aula de Performance, assim como ter a oportunidade de perceber o impacto que estes conceitos teriam nos participantes e, conseqüentemente, nos possíveis alunos que participarão nestas sessões, no futuro.

Dado que este tema já me era familiar, os resultados obtidos nas sessões e na recolha de dados foram os esperados, no entanto, a relevância desses resultados está presente na faixa etária dos participantes. Isso veio provar que este conceito tem agora portas abertas para ser testado e implementado, no processo educativo, escolar e musical, em idades mais jovens.

A literatura revista introduziu conceitos como autonomia, motivação, pensamento crítico, desenvolvimento de capacidades sociais e colaborativas que, a meu ver, deverão ser aspetos e valores a ter em conta ao educar uma criança, dado que são pilares de uma aprendizagem completa e são capacidades importantes a serem desenvolvidas. No ensino da música e do violino não será diferente, todos os conceitos abordados pelos estudiosos têm pertinência a serem implementados no ensino da música para fazer com que os nossos alunos sejam estudantes entusiasmados, motivados, colaborativos e autónomos.

Este projeto não é desprovido de lacunas. Gostaria de ter tido a oportunidade de propor mais sessões, mais cedo no ano letivo, para acompanhar os alunos durante mais tempo e obter uma informação mais clara da evolução e do impacto que estas sessões teriam nos alunos participantes. Teria sido interessante a participação de mais alunos nas aulas de grupo para poder observar as diferenças que as sessões aportariam e o comportamento dos alunos perante esse número mais alargado.

Para pesquisas futuras, primeiro, seria interessante estudar o impacto que a Oficina do Violino e a Aula de Performance teriam numa classe inteira de alunos do mesmo professor e, quiçá, juntar as várias classes de violino, dos vários professores da instituição. Segundo, estudar a evolução de alunos que integram as aulas de grupo num panorama mais geral do ano letivo e as repercussões que este conceito terá no progresso dos estudantes. Para finalizar, poderá ser interessante implementar este conceito noutros instrumentos e estudar e testar em idades mais tenras ainda, isto é, ensino primário, e perceber os benefícios e prejuízos que este conceito, nessas idades, provoca.

Tenho presente que, os conceitos estudados neste projeto de investigação, irão contribuir bastante para, não só, proporcionar um percurso musical mais útil e completo para os nossos alunos, como também, proporcionar novas ferramentas, para os professores de violino, para a resolução de certas problemáticas que vão aparecendo em cada pupilo.

4 Conclusão final

A escolha do Conservatório de Música do Porto, para realizar o estágio, foi sempre um objetivo pensado para o meu estágio, no âmbito da prática de ensino supervisionada, dado sempre tive presente que esta instituição é uma escola de referência para o paradigma musical da cidade, nacional e internacional, tanto pelo seu nível de exigência, como pelas provas dadas e pela competência da sua equipa docente e não docente. As professoras cooperantes foram sempre muito prontas em todo o processo e fizeram com que a minha experiência no conservatório tenha sido um percurso importante e impulsionador da minha vida profissional.

O estágio contribuiu para as minhas aprendizagens pedagógicas, no sentido de ter presenciado momentos de introdução ao instrumento, resolução de problemas e preparação para provas de audições, e tendo tido a oportunidade de observar aulas dos vários professores, presenciar a escolha de estratégias adaptadas a cada aluno e situação e constatar a flexibilidade necessária para exercer pedagogia no contexto musical, em prol de proporcionar o melhor percurso musical possível aos alunos.

A ideia para a escolha do tema para o projeto de investigação foi sempre constante dado que já visava estudar este tema desde o último ano da minha licenciatura e, à medida que ia encontrando e lendo mais informação, fiquei mais motivado e intrigado pelo tema e as suas possíveis repercussões no quotidiano musical dos alunos.

A revisão de literatura, consolidada pelas sessões de grupo e recolha de dados feita, vem a provar que o conceito apresentado tem muito potencial e abre portas a novas ferramentas pedagógicas e didáticas.

Este trabalho foi o culminar de um ano intensivo e, por vezes atribulado, dado à conjugação do estágio com a vida de músico profissional. Apesar de desafiante, a elaboração deste trabalho final de mestrado permitiu-me aprofundar os meus conhecimentos, tanto pedagógicos, como violinísticos.

5 Bibliografia

Conservatório de Música do Porto (2020). *Projeto Educativo*

Blumenfeld, P., Soloway, E., Marx, R., Krajcik, J., Guzdial, M., & Palincsar, A. (1991). *Motivating project-based learning: Sustaining the doing, supporting the learning*. *Educational Psychologist*, 26(3), 369–398.

Blumenfeld, P. C., Marx, R. W., Soloway, E., & Krajcik, J. (1996). *Learning with peers: From small group cooperation to collaborative communities*. *Educational researcher (Washington, D.C.: 1972)*, 25(8), 37

Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (1999). *Making cooperative learning work*. *Theory into practice*, 38(2), 67–73.

Slavin, R. E. (2015). *Instruction based on cooperative learning*. *Handbook of Research on Learning and Instruction*.

Vygotsky, L. S. (1930). *Mind in society: Development of higher psychological processes*. Capítulo 6: *Interaction between Learning and Development*. (pp.71-85). Harvard University Press.

6 Anexos

6.1 Aulas observadas

6.1.1 Aluno do 8ºano/4ºgrau

15-11

A professor começa perguntando se o aluno teve dificuldades ou duvidas no trabalho, anteriormente, feito.

Esquema do vibrato - R - redondo Tempos : de —
D - direito até —

1 R D R D | R D R D R D R D

2 R D R D R D | R D R D R D

3 R D R D R D | R D R D R D

4 R D R D R D R D | R D R D R D R D

5 R D R D R D R D | R D R D R D R D

6 R D R D R D R D | R D R D R D R D

- Mantelí - pica
- Detaché - manteiga

06-12

Aula pré-audição

Objetivo: refletir sobre tudo o que foi abordado nas aulas até à aula presente

Concerto de Vivaldi:

Tocar mais devagar

Limpar passagens, isto é, articulação e afinação

*a professora varia o ritmo da aula para captar a atenção do aluno.

é mais difícil tocar devagar, mas é devagar que se encontram os problemas - professora

Separação de secções para trabalhar mais ao pormenor.

Mudança de corda preparada com o cotovelo-

- O aluno, no geral tocou, de início ao fim, e corrigiu muitos problemas que se apresentaram em aula

13-12

A aula começou com uma reflexão sobre a audição

Reflexão da professora objetiva o apelo ao estudo regular, melhor qualidade e quantidade de som e à excelência que o aluno pode alcançar.

Concerto em Lá menor de Vivaldi:

-Vibrato mais lento contínuo, manter a mão esquerda em vibrato enquanto o arco faz os ritmos escritos. Polegar menos ativo para relaxar a falange.
Dádiva de exercícios para o vibrato.
Escala de Sol menor harmônica:
Uma nota por arco seguida de quatro notas por arco
Afinação das cordas dobradas - terceiras

10-01

Escala de Sol Maior – três oitavas:
Mais velocidade no arco e mais constante.
Mudanças de posição mais preparadas.
Primar pela qualidade de som
Estudo:
Tocar e transmitir mais musicalidade
Preparação dos dedos da mão esquerda

17-01

Escala de Sol Maior e arpejos:
-Trabalho de arco, conectar os diferentes arcos no talão e na ponta com auxílio dos dedos da mão direita.
-Trabalho de afinação. Fazer mudanças de posição mais lentas.

24-01

*Lecionei a aula.
Preparação para a prova.
Revisão da escala, arpejos e estudo.
O aluno mostrou-se receptivo às minhas considerações e possibilitou que eu tivesse espaço para falar e experimentar com ele.

31-01

Reflexão sobre a prova de sábado passado
Reflexão sobre a masterclasse de domingo passados sobre os exercícios dados pela professora.
Dádiva de exercícios para trabalhar o peso no arco.
Dádiva de novo repertório:
-Estudo nº 7 de Mazas
-3º andamento do concerto de Vivaldi em Lá menor

07-02

O aluno começou por tocar um solo do repertório de orquestra. O maestro pediu ao aluno para tocar com mais sim.
Foi trabalhado o legato do vibrato e o legato dentro da divisão de arco.
Não houve tempo para trabalhar o estudo, no entanto a professora recapitulou o trabalho a ser feito pelo aluno aquando do estudo individual, em casa.

28-02

Escala de Sib maior e arpejos:
Trabalho de afinação
Colmatar vícios da mão esquerda ao pousar na corda e procurar a afinação. Tentar colocar os dedos fixamente.
Mudanças de posição mais lentas.
Utilizar notas de referência
Estudo:
Trabalho por frases
Divisão de arco em crescendo e diminuendo.
Trabalhar mudanças de posição de meio tom e maiores.

06-03

Escala de Sib maior:
Tirar peso da corda aquando das mudanças de posição
Peso do arco homogéneo para garantir melhor qualidade de som
Polegar da mão esquerda – manter o dedo no braço do violino para servir como referência, para a mão, nas mudanças de posição e vibrato.
Arpejo – movimento do cotovelo nas extensões e mudanças de posição para auxiliá-las

13-03

Foi trabalhada a segunda metade do estudo para das a conhecer, ao aluno, maneiras de estudar individualmente.
Definição de ritmos com pausas no mesmo arco são feitas com o martelar do indicador da mão direita.

10-04

Peça romântica nº1 – A. Dvorak:

A peça foi lida pela primeira vez nesta aula.
 Fez-se uma leitura bem lenta referindo alguns aspetos técnicos e/ou Mudanças feitas aos aspetos presentes na partitura (dedilhações, arcadas, etc.).
 As mudanças e conceitos foram feitos em tempo lento, portanto, ao longo do trabalho e progresso alcançado, mudar-se-á aspetos consoante o tempo, metronómico da peça.
 * Peça escolhida para trabalhar vibrado
 Vibrato - pensar no movimento do antebraço.
 Trabalho do movimento do antebraço começando numa velocidade lenta e aumentando, a mesma, progressivamente.

17-04

Estudo:
 Espaços grandes entre dedos, isto é, um tom e meio - Trabalho da posição do pulso para relaxar a mão para que esta consiga cair para trás.
 Notas seguidas com o mesmo dedo - criar espaços imaginários entre as notas e tirar pressão nos dedos nesses espaços.
 Peça romântica nº1 – A. Dvorak:
 Trabalho de vibrado focado no movimento do antebraço, imaginando que se está a bater à porta.
 Pulso não ativo, mas relaxado.
 Ponta do dedo fixa e falange relaxada.

24-04

Peça romântica nº1 – A. Dvorak:
 Foram trabalhos o vibrado e vibrado contínuo.
 Trabalho de divisão do arco e da organização do mesmo.

15-05

Escala de Sib maior:
 Velocidade de arco constante.
 Mudanças de posição com menos peso no movimento.
 Equação

$$\text{Equilíbrio} = \text{Velocidade de arco} + \text{Velocidade de mão esquerda}$$

Afinação

Arpejos:

Mover mais o cotovelo nas mudanças de posição.

Estudo:

O aluno tocou o estudo de uma maneira muito nervosa, pouco perceptível e pouco cuidada.

Com isto, foi trabalhada a organização, do arco e da mão esquerda, de cada secção.

* o aluno revelou pouco estudo.

29-05

Aula pré audição.

Na audição o aluno vai tocar o estudo número 8 de Mazas.

A professora começa por dar feedback sobre a prova global.

Escala - o aluno apresentou a escala como a estuda, ou seja, mudanças de posição muito evidentes.

Estudo- terminação de frases muito bruta e em crescendo.

Vibrato inconstante.

Som pouco consistente e convincente.

Foi feita uma reflexão, pela professora, sobre o trabalho feito, pelo aluno, em casa.

Perguntas que foram feitas ao aluno para ele refletir em casa:

-Trabalhas em casa?

-Trabalhas em casa como trabalhas na aula?

-A informação é percebida?

-Estudas para fazer o melhor que podes?

-O estudo é diário?

-O estudo é pensado?

-O estudo é exigente?

Foi tocado o estudo.

O aluno referiu que as mudanças de posição não estavam afinadas.

O som não é nítido.

Mão esquerda - articular mais e estudar com ritmos.

Arco- estar sempre concentrado na qualidade de som e naquilo que isso implica.

Foi incentivado o estudo pormenorizado em vez de estudo das peças de início ao fim.

A professora tomou uma posição mais ríspida para espevitar o aluno.

Divisão de arco mais controlada e organizada.

6.1.2 Aluna do 11º ano/7º grau

Reposição de dia 15-03 20-03
<p>A aula começou com a reflexão sobre a audição de música de câmara do grupo da aluna.</p> <p>Concerto de Nardini: revisão do trabalho feito na aula passada.</p> <p>Colcheias e semicolcheias mais expressivas, ou seja, mais arco e vibrato.</p> <p>Começo do concerto com energia - conexão da primeira nota com direção para a nota seguinte.</p> <p>Professora: <i>“Cada aluno deve escrever a informação da maneira que achar melhor para a sua percepção da mesma aquando do estudo individual.”</i></p> <p>Vibrato contínuo - pensamento rítmico e conexão entre as notas.</p> <p>Divisão por frases para organizar o trabalho e a intenção de cada frase.</p> <p>Mudanças de corda preparadas com o cotovelo.</p> <p>Truque- para saber se o aluno está a fazer pressão no arco, bater com o dedo na ponta do arco de baixo para cima. Se o arco saltar, o aluno não está a fazer pressão e peso suficientes.</p> <p>Imaginar colcheias para manter a pulsação.</p>

22-03
<p>A aula começa com a escolha de um estudo para a prova global.</p> <p>A professora toca o estudo para a aluna ter uma percepção do mesmo, escrevendo e explicando alguns detalhes do estudo – arcadas, posições, articulações, dedilhações, etc.</p> <p>Allemande – Partita nº 2 de J.S.Bach</p> <p>A aluna não teve disponibilidade para ler em casa, portanto, está a ler na aula. Com isto, a professora deixa a aluna tocar, interrompendo para dar dicas e emendar alguns erros.</p> <p>A professora toca a primeira parte da peça para aluna ter uma ideia de como soa a peça seguido da leitura da segunda parte, feita pela aluna.</p>

12-04
<p>Allemande – Bach:</p> <p>Pensamento em colcheia para estabilidade rítmica.</p> <p>Analogia do arco barroco para explicar como usar a articulação no arco moderno.</p> <p>Dividir o arco usando, preferencialmente, os dois primeiros terços do mesmo.</p> <p>Arcos ligados mais densos, notas separadas mais leves.</p> <p>Em Bach, a expressão vem da harmonia.</p> <p>Peso do arco definido pela palma da mão, e pelo contato dela no arco.</p> <p>A aluna apresenta alguma dificuldade em acordes.</p> <p>Pensar a música em blocos para organizar o pensamento.</p>

Retificação da afinação em determinados pontos

19-04

Concerto de Nardini:

Qualidade de som - tocar por dentro da corda, tocar com mais arco e definir bem a divisão do arco.

Apontamento: a qualidade de som melhorou da semana passada para esta.

Aula corrida para colmatar alguns erros da peça, no geral.

Dificuldade nos acordes permanece.

18-05

Aula mais corrida.

Revisão para a prova global.

Ponto salientado pela professora:

Escala de Sib Maior - mais cotovelo nas mudanças de posição e quarto dedo mais junto nos meios tons.

Arpejo - arco mais fluido.

Terceiras - seguir a escala do violino e mudanças de posição mais calmas e fluídas.

Estudo - morder mais a corda com o arco.

Allemande de Bach - Respirar entre as frases, tocar sem pressa e fazer menos pressão no arco ao tocar os acordes.

Sonata de Mozart - mais som, mais articulação, mais preparação do arco e da mão esquerda antes de tocar e atenção à afinação com o piano.

Concerto de Nardini - cantar mais as melodias, tocar com mais arco e tentar tirar mais som do violino

6.1.3 Aulas da Classe de Conjunto

06-12

Angel sing:

Aula começou na secção D da peça

-Divisão de naipes para ajustar afinação e definição de vozes

-Acrescento dos restantes naipes para verificar a junção das partes

-Notas longas para verificar afinação, construindo o acorde a partir da nota fundamental.

-Continuação do trabalho anteriormente feito

Christingling:

-Inicio ao fim.

13-12

Pequeno ensaio geral onde se tocou o início e alguns compassos do fim das peças seguido de audição.

A audição correu muito bem, os alunos tocaram muito bem e mantiveram-se concentrados até ao final da atuação.

10-01

Minuetto – Baklanova:

-Recapitulação da estrutura e da hierarquia de um compasso ternário.

-Acentuação no primeiro tempo de cada compasso.

-Trabalho por naipes.

Finlândia – Sibelius:

-Trabalho de tocar juntos e percepção auditiva.

-Organização do arco para obter dinâmicas e tempos completos.

Azadi (música tradicional)

Experimentação e trabalhar uma arcada mais curta

24-01

Preparação para o concerto de sábado.

Foram tocadas todas as peças, de início ao fim, para retificar o que ocorresse e depois das retificações, tocámos as peças de novo, em modo de concerto.

31-01

Leitura de novas peças – “Star Wars” e “Danny boy”

Trabalho de divisão de naipes

Conceitos de articulação do arco

07-02

Peças: “Star Wars” e “Danny boy”

Análise das vozes e trabalho da procura e percepção das melodias.

Trabalho por partes das peças e junção das mesmas.

28-02

Peças: “Rondo de Abdelazar” e “Star Wars”

Divisão de naipes para perceber onde se encontravam as dificuldades e retificação dessas dificuldades.

Trabalho de som e articulação pretendidos

Apelo à percepção das partes de todos os naipes, pelos alunos, e música de câmara.
Percepção e trabalho de melodia e acompanhamento.
Trabalho por partes e frases.
Trabalhar diferentes caracteres para diferentes peças.

06-03

Rondo:

Trabalho dividido naipe a naipe.

Junção dos naipes para trabalhar afinação.

Divisão das partes para diferenciar as melodias.

Danny boy:

Trabalho de Tutti

Trabalho de dinâmicas para tocar com mais musicalidade

Allegreto:

A professor a pediu aos alunos para tocarem de pé, a bater o tempo com o pé, para sentirem o tempo e a métrica da peça.

Star Wars:

Começou-se por trabalhar a parte do fim e conectou-se com as secções anteriores.

Separação dos naipes.

Parte F – repetir para perceber o salto na peça.

Discussão e retificação da organização do arco para obter a articulação pretendida.

Minuetto:

Trabalho da secção do Trio

A professora fez uma comparação com uma caixa de música para que os alunos percebessem a elegância necessária para tocar esta peça.

13-03

Star Wars:

Recapitulação do trabalho feito na aula passada.

O trabalho começou na casa da primeira vez.

Foram trabalhadas articulações e mudaram-se alguns arcos para facilitar essas articulações pretendidas

Danny boy:

A peça foi tocada de início ao fim, com o acompanhamento de piano, seguida das considerações das professoras, seguido de tocar a peça completa de novo.

Minuetto:

Trabalho por naipes nas partes mais difíceis, primeiro mais lento e aumentando o tempo gradualmente.

Depois do trabalho feito, a peça foi tocada de início ao fim.

10-04

Rondo:

Divisão de trabalho naipes a naipes.

Trabalho de frases - dinâmicas, direção e métrica

Juntou-se a orquestra de sopros e percussão.

Da primeira vez houve um desfasamento métrico entre as cordas e os sopros.

Foi trabalhado na junção de partes semelhantes (por exemplo primeiros violinos + oboé)

À medida que o trabalho ficava melhor foi-se adicionando mais naipes.

Danny boy:

trabalho das partes solo e conceitos de projeção de som.

17-04

A orquestra de sopros e percussão juntou-se à aula.

A aula começou com uma escala de fá maior.

Aprendizagem dos gestos do maestro: começar, acabar, forte, piano, etc.

Acordai- L. Graça

Foi feita uma leitura à primeira vista.

Foi feita marcação de arcadas.

O trabalho de leitura foi dividido entre cordas e sopros e após essa leitura dividida juntaram-se as duas partes.

Rondo

Trabalho de junção métrica, ou seja, tocar juntos.

Ênfase na atenção direcionada ao maestro.

15-05

Dirigi pela primeira vez.

Os alunos criaram um ambiente propenso a que eu me sentisse à vontade para experimentar a direção de uma orquestra e a experimentação de vários exercícios e conceitos.

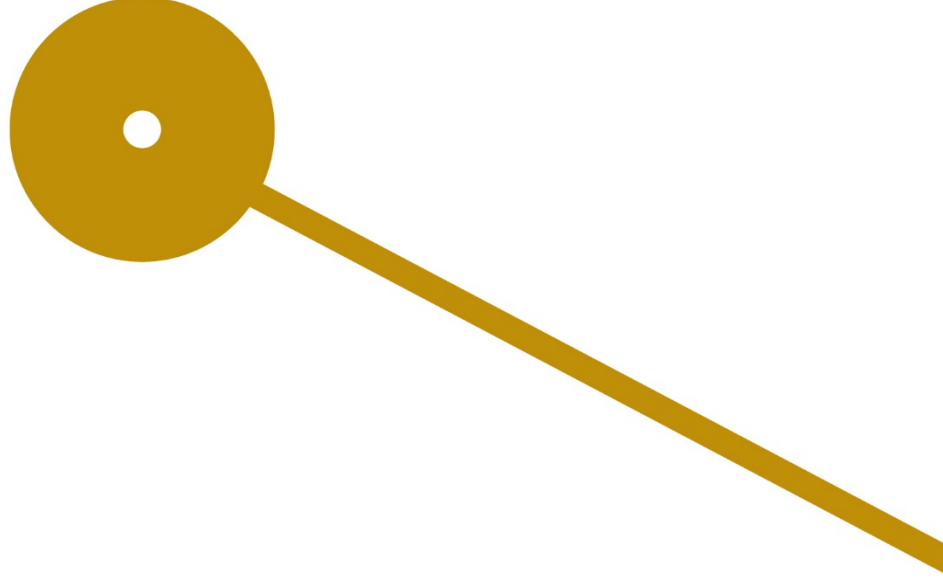
O meu ritmo de trabalho foi, talvez, demasiado apressado para o ritmo de trabalho da orquestra.

ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ENSINO DE MÚSICA
Instrumento - Violino



Oficina do Violino e Aula de Performance:
Conceitos de emancipação pessoal e de grupo dentro de uma classe
Guilherme Bispo Jerónimo